

SILVIA DABDAB CALACHE DISTLER

**CONHECENDO A CRECHE THEREZINHA AMORIM:
HISTÓRIA, FAMÍLIA E SERVIÇO SOCIAL**

MONOGRAFIA

ORIENTADORA: CRISTINA CARVALHO

**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
COORDENAÇÃO CENTRAL DE EXTENSÃO**

MARÇO/2004

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL:
PERSPECTIVAS DO TRABALHO EM CRECHES E PRÉ-ESCOLAS

**CONHECENDO A CRECHE THEREZINHA AMORIM:
HISTÓRIA, FAMÍLIA E SERVIÇO SOCIAL**

SILVIA DABDAB CALACHE DISTLER

MONOGRAFIA
RIO DE JANEIRO, MARÇO DE 2004.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL:
PERSPECTIVAS DO TRABALHO EM CRECHES E PRÉ-ESCOLAS

CONHECENDO A CRECHE THEREZINHA AMORIM:
HISTÓRIA, FAMÍLIA e SERVIÇO SOCIAL

SILVIA DABDAB CALACHE DISTLER

ORIENTADORA: CRISTINA CARVALHO

Monografia apresentada ao Departamento de Educação da PUC como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Educação, pela conclusão do Curso de Especialização em Educação Infantil: Perspectivas do Trabalho em Creches e Pré-Escolas.

AGRADECIMENTOS:

Seriam tantas as pessoas a agradecer, que não seria possível relacioná-las todas, neste espaço. Na verdade, este trabalho é resultado de uma história de vida, de relacionamentos e experiências com muitas e diferentes pessoas, enfim, de acúmulo de conhecimentos adquiridos. No entanto, ousaria citar algumas pessoas:

Meus pais, pelo cuidado que comigo tiveram, pelo carinho, amor e tudo que me ensinaram;

Alberto, meu marido, Guilherme, Débora e Henrique, meus três filhos, pelo amor, paciência e colaboração neste trabalho;

Os assistentes sociais, colegas de profissão, com os quais estou sempre aprendendo, pelo incentivo e respeito ao meu trabalho;

A diretora e coordenadora da Creche Therezinha Amorim, Augusta Schterb Gorodovits, pela oportunidade de trabalhar na creche, pelo apoio e confiança;

A todos os profissionais da creche pelas preciosas contribuições a este trabalho, pela amizade;

As crianças e suas famílias, sem as quais não haveria sentido a elaboração desta monografia.

Aos meus professores, colegas e especialmente a orientadora Cristina Carvalho, pela troca de conhecimentos, pela convivência, pela cooperação, pelo incentivo.

RESUMO

Esta monografia trata do registro da história da Creche Therezinha Amorim, dos primórdios até os dias atuais.

No primeiro capítulo situo a creche no momento histórico, da época em que foi inaugurada e falo da legislação que norteia a educação infantil. A seguir estabeleço uma reflexão sobre o contexto institucional em que se encontra inserida a creche. Enfoco o espaço físico desde a edificação até a sua organização, a formação da equipe de trabalho e os primeiros momentos da elaboração da proposta pedagógica que entendo, continua em permanente construção.

Na segunda parte discorro sobre as famílias das crianças da creche realizando um levantamento do perfil sócio–econômico destas, refletindo sobre aspectos da estrutura social na qual se encontram inseridas e sua relação no espaço institucional, permeada pela intervenção do serviço social.

Ao final apresentamos algumas contribuições possíveis ao trabalho da creche e à educação infantil.

Anexamos o projeto: “Na Creche, os pais contam histórias”, assim como fotos do trabalho realizado na instituição.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	01
INTRODUÇÃO	03
CAPÍTULO I - A HISTÓRIA DA CRECHE...ATÉ OS DIAS DE HOJE	05
1.1- Como tudo começou.....	05
1.2- O Momento Histórico.....	06
1.3-O Contexto Institucional.....	09
1.4- A Organização do Espaço Físico.....	11
1.5-A Formação da Equipe.....	18
1.6- A Proposta Pedagógica.....	23
CAPÍTULO II - AS FAMÍLIAS...ORIGEM DO ALUNADO	28
2.1- O Perfil Sócio-econômico das Famílias.....	28
2.2- A Relação família, Creche e Serviço Social.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
BIBLIOGRAFIA	48
ANEXOS	51

APRESENTAÇÃO

Esta monografia traz um recorte, entre tantos outros que poderiam ser feitos, da história e do trabalho, desenvolvido na Creche Therezinha Amorim do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, que atende, exclusivamente, aos filhos dos serventuários.

Parece-me imprescindível, a cada espaço que atuamos profissionalmente, conhecer e compreender a realidade em que nos encontramos inseridos.

Durante quatro anos (1972-1976) trabalhei como professora primária em turmas de alfabetização e, posteriormente, ao longo de muitos anos, venho exercendo a função de assistente social em vários locais. Nesta trajetória, deparei-me, nas instituições, com a insuficiência de recursos humanos, financeiros e materiais para atender às camadas mais empobrecidas da população, constituída daqueles precariamente incluídos ou excluídos do mercado de trabalho, com múltiplas e urgentes necessidades. A realidade atual na Creche Therezinha Amorim contrasta com esta. A creche, como será possível verificar, dispõe dos recursos necessários e qualificados para atender às crianças - sujeitos de direito - filhos de funcionários da Justiça, que têm uma inserção estável no mercado de trabalho. Quisera que o conjunto das crianças brasileiras também tivesse acesso a uma educação realmente de qualidade e a uma vida digna.

Espero com esta monografia, poder qualificar ainda mais minha intervenção profissional e contribuir com a equipe da creche para o aprimoramento do trabalho, em benefício das crianças.

Meu intuito é registrar a história da creche, levantar o perfil sócio-econômico das famílias e refletir sobre a relação destas no espaço institucional e a intervenção do serviço social.

Conhecer a creche implica em desvendar a sua história, compreender o espaço institucional e a realidade social na qual se encontra inserida. Por que surgiu? Em que momento histórico? A que interesses atendia? Como foram construídas as propostas iniciais? Quais foram os atores envolvidos?

Considero também, de fundamental importância, no processo educacional, o conhecimento dos aspectos sócio-econômicos e culturais das famílias dos alunos, na medida em que esta “é o lugar de origem do alunado e aquela que provê às crianças as primeiras formas de relações educativas fora do ambiente escolar” (Santos, 1999, p.40).

Para Vygotsky (2000, p. 40), a criança, já nos primeiros anos de vida, inicia o processo de interação social. Neste, ela interage e aprende com os adultos as primeiras palavras, impregnadas de intensos significados históricos, sociais e culturais. Compreendo, portanto, que as crianças vivem e re-elaboram múltiplas e variadas experiências desde a mais tenra idade e que estando inseridas em determinado contexto histórico e social, este influi diretamente em seu desenvolvimento. Ressalto, no entanto, que por questões operacionais, me restringirei a alguns aspectos sócio-econômicos das famílias, como dito anteriormente.

Enfim, não poderia deixar de analisar, ainda que de forma restrita, minha própria intervenção profissional neste espaço educacional, que ocorre de maneira interdisciplinar e tem como foco exatamente a família das crianças, inserida em uma dada sociedade, em determinado momento histórico. A reflexão será realizada entendendo a creche como direito da criança à educação e como direito da classe que vive do trabalho.

Refletindo à luz das contribuições de P.Áries, L.C. Bazílio, M.P.A. Vieira, L. Boff, V.P. Faleiros, L.S. Vygotsky, S. Kramer, Mayumi S. L., A. L. G. Faria, L. Tiriba, R. M. R. Pereira, D.D. Bruno, P.A.P. Pereira e M.P. Santos e outros irei, nesta monografia, inter-relacionar teoria e prática.

INTRODUÇÃO:

Trabalho na Creche Therezinha Amorim como assistente social desde junho de 2001. Com objetivo de atualizar-me e aprimorar minha intervenção profissional no que se refere à educação infantil e ao mesmo tempo contribuir com a qualificação do trabalho realizado na creche, matriculei-me neste curso de Pós-graduação. Contei com total apoio e incentivo por parte da direção da creche. A qualificação dos profissionais faz parte da filosofia da creche, como poderá ser visto no decorrer deste trabalho.

Pensei em elaborar esta monografia entrelaçando teoria e prática, e neste sentido, como sinalizei na introdução, propus-me a escrever sobre a história da creche, levantar o perfil sócio-econômico das famílias das crianças e falar, ainda que de forma limitada, da intervenção do serviço social neste contexto.

Seria importante registrar que no caso sou ator /pesquisador desta realidade, com as vantagens e limitações dessa inserção. Portanto, mais ainda, não poderia falar de uma suposta neutralidade, já que como sujeito desta história estamos impregnados de valores e interesses próprios. Refletindo então à luz das contribuições de Vieira (1989, p.9 a 11) minha intenção é falar de uma história construída em determinado momento, por homens reais, concretos, com interesses e valores, também reais. Falar de homens e mulheres que modificam os processos sociais e são por eles modificados. Falar de pressões exercidas pelos homens e não de leis determinantes.

A metodologia utilizada incluiu além da verificação de documentos variados, da análise de relatórios de entrevistas realizadas com pais das crianças da creche e de levantamentos bibliográficos, fundamentais para o trabalho de pesquisa, a escuta dos profissionais que trabalham na creche. Neste sentido, realizei duas reuniões com as professoras que trabalham diretamente com as crianças e uma outra com os técnicos, direção, representante da área administrativa e da enfermagem ¹. Nestas, utilizei um roteiro flexível, de indagações (anexo). Realizei também entrevistas e conversas informais, observações do cotidiano, entre outros. Assisti fitas de vídeo antigas.

¹ Destaco nos depoimentos, relativos à história da creche, as contribuições das professoras Maria Angélica Souza de Lima, Mariléa dos Santos (*), Sheila Moreira da Silva (*), Ana Carla da Costa Tavares, Laura Faria Soares, Luciana de Souza Trindade, Maria Elisa Duarte de Azambuja (*), Marisa Correa Baldner (*) e Neuza da Silva Mariano (*), além da diretora Augusta Schterb Gorodovits, (*), a médica pediatra Suely Kirzner (*), a musicoterapeuta Eni Almada Mendes (*), a psicóloga Neli Ferreira Mures (*), a auxiliar de enfermagem Glória Maria Lima Rodrigues de Souza (*) e a assistente administrativa Maria Regina de Campos Mathias (*).

*Trabalham na creche desde a inauguração.

Essas ocasiões foram extremamente gratificantes, não só pela oportunidade de conhecer melhor parte da história da creche, como também de perceber nos meus interlocutores o entusiasmo, o interesse e o compromisso que têm com o trabalho.

Enfim, neste estudo considereei “como fonte, em consonância com o momento atual do desenvolvimento dos estudos históricos, tudo o que se presta a contar a história, todos os vestígios que nos permitam ampliar a compreensão historiográfica dos fatos, sejam documentos ou relatos orais, iconografias, letras de música e tudo o mais” (Le Goff, 1990, apud: Bazílio, 1998, p.14).

No levantamento dos dados quantitativos procurei levar em conta as ambigüidades e dificuldades conceituais dos dados, diversificando materiais e refletindo com base na experiência e observações embasados nas teorias, a fim de esclarecer dúvidas suscitadas.

CAPÍTULO I - HISTÓRIA DA CRECHE...ATÉ OS DIAS DE HOJE.

1.1-Como tudo começou...

A Creche Therezinha Amorim do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro foi construída no 4º andar, do prédio do fórum, no centro da cidade do Rio de Janeiro. Destina-se a atender, gratuitamente, aos filhos dos serventuários, de ambos os sexos, na faixa etária de seis meses a quatro anos incompletos, conforme consta no Regulamento da creche (artigo 2º, inciso II). Surgiu para atender às demandas dos serventuários. Tem certas especificidades: é institucional, pública, atende determinada categoria profissional e está localizada no próprio local de trabalho, detendo também, características de uma creche de empresa.

Foi inaugurada em 26 de janeiro de 1995, na gestão do desembargador Antonio Carlos Amorim, então presidente do Tribunal. O projeto arquitetônico da creche foi idealizado por profissionais de uma firma contratada pelo Tribunal, especialmente para esta finalidade. No entanto, o projeto incorporou, desde o início, alterações propostas pela pedagoga da creche, em função do trabalho pedagógico que viria a ser desenvolvido (ver item 1.5, referente ao espaço físico). Algumas idéias foram trazidas pela esposa do desembargador, D. Therezinha Amorim, após visita à creche do Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul. O nome da creche a homenageia e ainda hoje a instituição conta com o seu apoio expressivo, além de sua presença também constante.

D. Augusta Sshterb Gorodovits, pedagoga e diretora da creche até os dias atuais, foi convidada para iniciar este empreendimento, pelo desembargador Jessé Torres Pereira Junior Torres, então juiz auxiliar da Corregedoria Geral de Justiça e que também foi o primeiro juiz supervisor da creche. A Creche foi instituída “como função do Gabinete da Presidência do Tribunal, sob a supervisão permanente de um juiz de direito, designado pelo presidente do Tribunal” (Ato Normativo 09/94). Teve também como juízes supervisores: Dra. Conceição Aparecida Mousnier T. de G. Pena, Dra. Jaqueline Lima Montenegro e, atualmente, é supervisionada pela Dra. Daniela Brandão Ferreira.

A estrutura organizacional do Tribunal de Justiça foi modificada recentemente e a creche passou a vincular-se, administrativamente, à Diretoria Geral de Gestão de Pessoas.

A Creche é mantida basicamente com recursos do Tribunal de Justiça (materiais permanentes e de consumo, pessoal, serviços de manutenção, entre outros). Conta

também com contribuições voluntárias, indispensáveis, de juízes, desembargadores e senhoras, através da Associação Beneficente dos Amigos das Creches do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro. Esta Associação é dirigida por suas esposas e presidida pela esposa do presidente do Tribunal em exercício. Desde a inauguração da creche a Associação foi presidida pelas senhoras Leda de Menezes da Gama Malcher, Myrian Therezinha Góis Ribas, Martha Fonseca Mendonça Manes, Jane Ciuffo Faver e no momento pela senhora Léa Maciel Pachá.

1.2- Momento Histórico

Considero importante falar do momento histórico em que surgiu a creche, na medida em que o este contexto perpassa as ações institucionais. A Creche surgiu na década de 90 - um período marcado por profundas transformações tanto na esfera nacional como internacional, com a globalização capitalista. Também ocorreram alterações significativas na legislação brasileira e são elas que, hoje, norteiam as ações da creche.

As ações governamentais no âmbito federal, no período mencionado, enfatizaram a redução do Estado (implementando-se as privatizações), o fim do déficit público, a abertura da economia para o mercado internacional e estabilização da moeda com reformas monetária, fiscal e desregulamentação da economia, em consonância com o que ocorria com o conjunto das economias mundiais, incluindo as transformações profundas, que se deram nos países do leste europeu. No mundo do trabalho assistimos, entre outros, a crescente redução de postos de trabalho em decorrência do avanço tecnológico e informacional; a terceirização de áreas que não agregam valor à atividade principal e dificuldades de colocação ou reinserção no mercado de trabalho, dos trabalhadores - com ou sem qualificação, em decorrência do desemprego estrutural e aumento do trabalho informal. Assistimos à implementação do Estado mínimo e conseqüente redução de gastos sociais. O Estado investiu também na privatização dos serviços sociais, convocando o terceiro setor para complementar suas ações, desresponsabilizando-se em parte, de sua provisão (Antunes, 1999, p.19 a 31 e Silva, 1999, p. 57 a 69).

No entanto, e apesar da conjuntura adversa, a creche do Tribunal de Justiça foi inaugurada, atendendo às aspirações de determinada categoria profissional e aos interesses institucionais no sentido de proporcionar melhores condições de

produtividade aos seus trabalhadores. Segundo Faleiros (1992, p.41) “as políticas sociais conduzidas hoje, pelo Estado são o resultado da relação e do complexo desenvolvimento das forças produtivas e das forças sociais. Elas são o resultado da luta de classes e ao mesmo tempo contribuem para reprodução das classes sociais”.

A equipe técnica da creche (ver item 1.4) elaborou, também na época, uma proposta de expansão de creches públicas próprias que previa a implantação de novos pólos no estado, a fim de atender aos filhos daqueles que trabalhavam distante do centro do Rio de Janeiro. Esta proposta não chegou a ser viabilizada. Ao invés, em 2001, foi instituído o auxílio - creche, com objetivo de atender a totalidade, dos filhos dos serventuários do estado do Rio de Janeiro, que demandavam o serviço. O valor correspondia a um salário mínimo estadual. O “auxílio” destina-se ao reembolso das despesas - totais ou parciais - em creches privadas, para atender as crianças na mesma faixa etária da Creche Therezinha Amorim. A criação deste significa o repasse indireto de verba ao setor privado, através da contratação de determinado serviço.

Com relação às legislações brasileiras, no que se refere à criança e ao adolescente, a meu ver, avançaram com a promulgação da Constituição do Brasil em 05/10/1988 sendo esta, fruto de intensas discussões e participação popular. A Constituição incorporou nos seus artigos 227 e 228 os princípios básicos da “Convenção Internacional dos Direitos da Criança”. Estes artigos foram posteriormente regulamentados no Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei 8069, de 13 de julho de 1990. O ECA substituiu o antigo “Código de Menores”, que se referenciava as crianças e adolescentes em situação irregular. O ECA abrange a totalidade da parcela mais jovem e vulnerável da população e a coloca como prioridade absoluta na definição de políticas públicas. Esta lei é baseada em um novo paradigma o da **Proteção Integral**: “crianças e adolescentes são sujeitos de direito, seres em desenvolvimento e prioridade absoluta” (Faleiros, 1995). O artigo 227 da Constituição Federal sintetiza esta doutrina:

“É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda a forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”.

A Lei estimula a participação da sociedade civil na escolha e fiscalização das políticas públicas dirigidas a esta camada da população. Estão previstas as criações dos Conselhos Tutelares e dos Conselhos Estaduais e Municipais de Defesa dos Direitos.

Pela primeira vez na história do país, é delegada à sociedade civil prerrogativa antes exclusiva do Poder Judiciário. Subsiste ainda a parcela de poder e responsabilidade do Poder Judiciário, através dos Juízos da Infância e Juventude e da subordinação dos Conselhos Tutelares a estes. Há ainda os Centros de Defesa e o Fórum Nacional de Defesa da Criança e do Adolescente, além dos órgãos públicos de defesa de direitos, como o Ministério Público, a Defensoria Pública e a Segurança Pública.

Com relação à educação infantil, a Constituição a coloca a creche como dever do estado:

Artigo 07. “São direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, além de outros que visam à melhoria de sua condição social:... a assistência gratuita dos filhos e dependentes desde o nascimento, até seis anos de idade, em creches e pré-escolas”.

Artigo 208. “O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de”:

IV – “atendimento em creches e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade”.

Com essas argumentações a educação infantil é definida como direito da criança e do trabalhador e uma opção da família.

Da mesma forma que na Constituição, o Estatuto da Criança e do Adolescente, reafirma em seu artigo 54, inciso IV, o dever do estado em relação à educação infantil.

Pode-se dizer que o mais recente avanço na área de educação infantil ocorreu em 20 de dezembro de 1996, com a Lei 9394, de Diretrizes e Bases da Educação. No artigo 21 a educação infantil é definida como parte integrante do sistema de ensino, ou seja:

“A educação escolar compõe-se de”:

I - educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio;

II - ensino superior

No artigo 29, em consonância com o ECA, fica clara a proposta de desenvolvimento integral da criança:

“A educação infantil, primeira etapa da educação básica tem por finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”.

A Creche Therezinha Amorim, desde o seu primeiro regulamento, preconizou o desenvolvimento de um trabalho que estimulasse o desenvolvimento integral da criança em termos bio-psico-sociais, intelectuais e pedagógicos. Previu também, a partir de

1995, como um dos critérios de admissão, a observância da prevalência do interesse da criança, nos termos da Lei 8069/90.

No artigo 30, A LDB estabelece que a educação infantil será oferecida por entidades públicas ou particulares, e a despeito da renda de seus destinatários e terá a seguinte denominação:

I – “creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade”;

II – “pré-escolas para as crianças de quatro a seis anos de idade”.

No artigo 62 a LDB, trata da formação que é necessária para os docentes atuarem na educação básica e no artigo 31 da avaliação das crianças da educação infantil sem objetivo de promoção.

Pode-se registrar que, no Brasil, a creche foi reconhecida pela primeira vez, como direito apenas das mulheres que trabalhavam na iniciativa privada, em 1942, na CLT - Consolidação das Leis Trabalhistas. Foi neste período de crescente industrialização do Brasil que se deu o ingresso massivo de mulheres no mercado de trabalho.

Com a promulgação da Constituição de 1988, direitos de homens e mulheres foram equiparados e, recentemente, tivemos a aprovação do novo Código Civil em consonância com as transformações ocorridas na sociedade brasileira. Vale destacar que desde sua implantação, a Creche Therezinha Amorim já atendia filhos de serventuários, de ambos os sexos. No seu primeiro Regulamento não há distinção.

1.3-O Contexto Institucional

Considero relevante realizar uma breve reflexão sobre o contexto institucional, no caso o Poder Judiciário, em que se insere a creche e, conseqüentemente, nossa intervenção profissional, pois é também neste mesmo espaço que trabalham, ambos ou um dos pais das crianças da creche. Este contexto também permeia as ações desenvolvidas pelos diversos atores da Creche. Nos estudos realizados por Bruno (1995, p.2 a 14), a autora aponta a necessidade de, atuando neste espaço institucional, pensarmos sobre as concepções de Estado e de Direito.

Através do trabalho, os homens, desde os primórdios, construíram os bens necessários à sua sobrevivência e na relação que estabeleceram com a natureza e entre si e se desenvolveram, construindo sociedades cada vez mais complexas. Em um determinado momento da história a sociedade vai se tornando mais complexa e surgem,

por exemplo, o estado, o direito, a política, a ideologia para legitimarem a sociedade dividida em classes. As diferentes instâncias sociais tratam da organização, da relação dos homens entre si no processo de reprodução social (processo pelo qual a sociedade se reproduz), compreendida não somente numa dimensão econômica/ material, mas também nas relações sociais, que entre outros, envolve poder, luta de classes, valores.

Na concepção gramsciana o Estado tem uma dimensão contraditória e é homogeneizado por determinada classe social. No entanto, o aparelho estatal não existe somente em função da classe dominante. Engloba uma dimensão contraditória: ao mesmo tempo em que serve para reprodução da força de trabalho e é instrumento de dominação, também responde às demandas e lutas dos trabalhadores.

Um dos instrumentos utilizados pelo Estado para que a ordem seja mantida é o Direito. As leis são utilizadas para que as pessoas se comportem de acordo com determinados parâmetros, em uma dada sociedade, num certo espaço de tempo. Desta forma o capital se reproduz, sem maiores entraves, sob a hegemonia da classe dominante. Porém se entendermos que “o Direito tanto é formado pelos costumes que se expressam nas relações sociais concretas, quanto é formador de novos costumes aos interesses dos grupos hegemônicos (ou que buscam deter a hegemonia), podemos verificar sua dupla complexidade” (Bruno, 1995, p.04). Como os demais complexos sociais, as leis também se modificam e passam a incorporar demandas de grupos não hegemônicos. Os grupos dominantes para se manterem no poder precisam atender as demandas destes grupos, e as “concessões” se fazem, dependendo das pressões exercidas e da correlação de forças que se estabelece. As políticas sociais também são o resultado de lutas e processos complexos de relação de forças.

Feitas estas apreciações, há que se ter clareza, portanto, dos seguintes pontos:

- Nossa intervenção profissional está inserida num espaço institucional complexo, hierarquizado e burocratizado;
- A creche atende uma demanda dos trabalhadores do Poder Judiciário e constitui um direito destes e de seus filhos;
- A creche é órgão executor de uma política pública: a educação e a inserção da creche no sistema de ensino, enquanto educação infantil, representa uma conquista da sociedade brasileira;
- Há necessidade de, em nosso trabalho cotidiano, termos clareza das questões apontadas nesta reflexão e verificarmos em que medida estamos favorecendo ou

não a incorporação de novos valores, que apontem para a construção de uma sociedade mais justa.

1.4- A Organização do Espaço Físico

“Um espaço e o modo como é organizado resulta sempre das idéias, das opções, dos saberes das pessoas que nele habitam. Portanto, o espaço de um serviço voltado para as crianças traduz a cultura da infância, a imagem da criança, dos adultos que o organizaram: é uma poderosa mensagem do projeto educativo concebido para aquele grupo de crianças” (Galardini,1996, apud : Faria, 1999, p.85).

O projeto inicial, de construção da creche, foi elaborado pelos arquitetos Dr. Emanuel Eduardo Kozlowsky e Dr. João Marcus Vinícius Façanha. A construção foi prevista para atender setenta crianças e foi acompanhada, passo a passo, pela pedagoga da creche, com a ajuda da arquiteta Dra. Nadia Quaresma e outros. Várias sugestões foram sendo feitas em função do projeto pedagógico e acatadas como aquelas que *“favoreciam o fluxo de entrada e saída das crianças; o conhecimento pelas famílias da organização da creche; a localização do berçário em espaço físico amplo, conjugando duas salas para atividades com as crianças, alimentação, repouso e amamentação... Vimos também todo material que precisávamos para cada ambiente... Visitamos creche onde sentíamos que as crianças não tinham tempo para brincar, parecia que era só comer, dormir e fazer higiene”* (pedagoga da creche).

“Brincar com a criança não é perder tempo, é ganhá-lo: se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados, em salas sem ar, com exercícios estéreis,sem valor para a formação do homem” (Drummond, apud: Faria,1999, p.85).

A área física da creche equivale a 1104,28 metros quadrados. O ambiente construído em forma de retângulo é amplo, arejado, alegre e colorido. Em meio às instalações sisudas do fórum, alguns serventuários se referem ao ambiente da creche como “paraíso”. As instalações são adequadas às proporções infantis e o mobiliário apropriado. Há ar condicionado nas salas e som ambiente. As janelas são grandes e de vidro, assim como algumas divisórias. As portas têm “viseiras” verticais em toda extensão. Isso permite excelente visibilidade e iluminação dos ambientes.

Em 2003 as vagas foram aumentadas de setenta para oitenta, especificamente nas turmas de maternal 2 e 3. No momento há setenta e sete crianças matriculadas. As vagas estão assim distribuídas:

.Berçário-10 vagas

.Maternal-20 vagas

.Maternal-25 vagas

.Maternal-25 vagas

A creche tem como proposta a permanência da criança na mesma turma durante todo ano, evitando, assim sucessivas mudanças e readaptações. O atendimento às crianças é prestado de 2ª a 6ª feira, de 11 às 19 horas. Todas entram no mesmo horário (11 horas) e a saída ocorre após o jantar, em horários acordados com os pais.

Por estar situada no local de trabalho de pelo menos um dos pais das crianças a sua localização facilita o acesso a estes, favorecendo a comunicação mais próxima e imediata entre a família e os profissionais, em benefício da criança.

No espaço há quatro salas ambientes das turmas do berçário, maternal 1, maternal 2 e maternal 3.

As salas do berçário e maternal 1 se interligam e entre estas se localiza o banheiro infantil, utilizado por ambas. Cada criança tem seu próprio material de higiene, devidamente identificado. Os banheiros são equipados para as necessidades de higiene das crianças nas respectivas faixas etárias. Após o banho, as crianças retornam às suas salas. A localização próxima facilita a sua locomoção e o atendimento às suas necessidades. Esse foi um dos cuidados que se teve na construção da creche, conforme depoimento abaixo:

“Em visita que realizamos a uma creche o banheiro era longe das salas. As crianças saíam enroladinhas na toalha com sabonete e xampu na mão. Elas eram muito pequeninas, os objetos caíam no chão, umas cinquenta vezes, aquilo me dava uma agonia” (pedagoga da creche).

Nas salas de maternal 2 e 3 os banheiros também são próximos. As crianças menores tomam banho diariamente na creche, até o maternal 2.

As salas das crianças dispõem de múltiplos e variados materiais pedagógicos e brinquedos.

A sala do berçário é ampla e dividida em dois ambientes. No salão ficam sete berços. Cada criança tem o seu berço com sua foto. No chão há um grande tatame, em frente a um espelho, com barra, materiais diversos para brincadeiras e atividades de estimulação. No chão são colocados murais feitos com cartolina e gravuras para serem observados pelas crianças e/ ou apalpadados pelas crianças. Há móveis, rádio, CDs, livros e brinquedos para estimulação das crianças. No outro espaço menor ficam três berços. É

também o local onde as crianças fazem as refeições, inicialmente em cadeiras de bebê e depois em mesinhas infantis. Há também um lavabo com espelho para higiene das crianças, após as refeições.

A sala do maternal 1, assim como a do berçário, também é ampla e tem janelas de onde se pode visualizar a rua e até a ponte Rio-Niterói. Nessa sala existem jogos de encaixe, materiais confeccionados com sucatas, muitos materiais pedagógicos e algumas mesinhas. Alguns materiais ficam dispostos na estante onde a criança tem acesso e outros se encontram no chão da sala. A “chamadinha” é feita, em quadro imantado, com fotos ampliadas das crianças. As paredes são utilizadas para colocação de desenhos confeccionados pelas crianças e mural, com nomes dos aniversariantes do mês. As crianças dormem ou descansam em colchonetes forrados com lençóis, nas próprias salas, após o almoço.

A sala do maternal 2 dispõe de quadro de giz, janela do tempo, mapa do Brasil, mesinhas com quatro lugares, caixa com trabalhos das crianças, equipamentos de cozinha infantil, cantinho das bonecas, estante com bichinhos e bonecos de pano e borracha e uma variedade de materiais pedagógicos. Existe também um mural feito pelas crianças, com pintura e colagem. A “chamadinha”, nessa turma, é feita com foto e nome da criança.

Na a sala do maternal 3 é possível encontrar uma variedade de atividades e trabalhos feitos pelas crianças e percebe-se a criatividade destas e dos educadores. Há, também, o cantinho de ciências com bonecos (corpo humano) confeccionados com sucata, pelas crianças e um mural com animais onde foram utilizadas formas geométricas, em recorte e colagem. A “chamadinha” é feita com o nome das crianças. A sala é bem equipada, com mesas coloridas e sextavadas, calendário do tempo, dia, mês, ano, cantinho da boneca e cozinha, mesa de construção, caixas com revistas, cavalete e muitos materiais pedagógicos. Percebe-se, ainda, o mural com a Rodinha de Jornal, um quadro com o nome das crianças, designadas naquele dia, para informática e um porta-livros de empréstimos de livros da biblioteca para as crianças levarem para casa.

A cozinha, do tipo industrial, é interligada ao refeitório das crianças, permitindo o repasse direto das refeições. As crianças dos maternais realizam suas refeições diárias (almoço, lanche e jantar) no refeitório que tem instalações apropriadas como: mesa infantil com quatro lugares, lavabo com espelho na altura das crianças, materiais da oficina de nutrição, entre outros. Essa oficina é feita com as crianças pela nutricionista da creche. As crianças do berçário fazem as refeições na própria sala que é dividida em

dois espaços-ambientes. Ao fim do ano, já mais independentes, iniciam suas idas ao refeitório.

Destaca-se que nas salas das crianças, sala de multimeios, banheiros e refeitório há espelhos para que as crianças possam se olhar, conhecer e se desenvolver.

Ao lado da cozinha há também um pequeno espaço, devidamente equipado utilizado pelos funcionários para suas refeições.

A creche dispõe de lavanderia onde são lavados todos os lençóis que foram os colchonetes das crianças, as toalhas de banho, as roupas de bonecas e outras peças. Esses são alguns cuidados importantes, relativos à higiene.

O espaço ocupado pela equipe técnica é dividido em três ambientes: sala de reunião/atendimento, consultório médico e odontológico, além do banheiro. Esse espaço fica localizado próximo das salas das crianças, favorecendo o acompanhamento das atividades e contatos com crianças e educadores.

A sala da direção conta com banheiro e saleta para lanche rápido, utilizada por funcionários. Ao lado, há uma sala utilizada, alternadamente, para atendimentos, reuniões, entrevistas e pela Associação Beneficente dos Amigos das Creches do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro.

A creche tem ainda os banheiros/vestuários, masculino e feminino, bem equipados, para uso dos funcionários.

Há almoxarifado e local para guarda de materiais pedagógicos.

No centro da creche há uma ampla área de lazer para as crianças com teto solar, grama sintética, banca de areia grossa (de fácil lavagem), espaço para banhos de “chuveiradas”, viveiros de pássaros e um pequeno jardim que possibilitam o contato da criança com a natureza. Há muitos brinquedos variados como carrinhos, velocípedes, escorregas maiores e menores, casinhas, rede de basquete e de futebol infantis. Nesse espaço acontecem também as aulas de educação física, com muitos jogos, exercícios e atividades específicas. O espaço também é aproveitado para outras atividades como brincadeiras e comemorações, da mesma forma que os amplos corredores cobertos, em volta da área de lazer. As paredes dos corredores são utilizadas para exposições de trabalhos feitos pelas crianças (murais). Além das próprias crianças, os pais podem observar suas produções.

A creche conta com uma sala para literatura infantil e informática. Há uma professora para estas atividades Grace Trindade Campos, que trabalha na creche desde a inauguração. A sala é bem organizada, alegre e equipada com mesas infantis, estantes,

livros e computadores. Os livros são catalogados devidamente. Além dos livros infantis, há empréstimo de livros de apoio aos pais e livros técnicos para os funcionários. Durante todo ano há fichas para empréstimo de livros às crianças e desde o berçário as crianças freqüentam a biblioteca. Participam de múltiplas atividades e anualmente da Feira do Livro.

As atividades de informática ocorrem sistematicamente com as crianças do maternal 2 e 3. Os computadores são apropriados para as crianças e as atividades realizadas são selecionadas para as faixas etárias, de acordo com a proposta pedagógica. Interessante destacar que as crianças se dirigem para a sala sozinhas, com autonomia e segurança. As crianças menores só freqüentam a informática eventualmente para assistir alguma animação pertinente.

A sala de multimeios tanto pode ser usada para reuniões com pais ou funcionários, quanto para atividades variadas com as crianças, com a musicoterapeuta da creche ou as professoras das turmas. Na sala há muitos materiais: CDs, fitas cassetes, televisão, microfone, violão, teclado, pandeiro, pandeirola, chocalho, reco-reco, coco. Alguns instrumentos foram confeccionados pelas crianças em oficinas. Há também fantasias, chapéus, roupas, sapatos, bolsas, bonés e cabideiro. Na parede também há um espelho, em toda extensão, onde as crianças se vêm fazendo as dramatizações e demais atividades.

Vale destacar, agora, a entrada da creche.

Há um grande corredor, com fotos e placas que falam da história da creche. Nos sofás, os pais ou outros visitantes, podem aguardar, confortavelmente.

Nas paredes da entrada são fixadas informações pelos diversos profissionais da creche, que são lidas pelas famílias das crianças. Há também murais com o planejamento diário das atividades desenvolvidas, assim como o cardápio com todas as refeições oferecidas às crianças. As famílias têm como fazer o acompanhamento diário e conversar com seus filhos a respeito de seu dia na creche. Acrescentem-se ainda as anotações na agenda e contatos com professores na entrada e saída.

Na hora da entrada os pais levam seus filhos até às salas. Na saída, cada criança é chamada pelo microfone, no momento em que seus responsáveis chegam; enquanto isso aguardam em atividade.

Na segunda recepção, em frente à secretaria da creche, há cadeiras de colorido diverso. No balcão observam-se sempre fotos das crianças em atividades de rotina,

passeios e comemorações, que são adquiridas pelos pais. Muitas solicitações cotidianas, dos responsáveis são resolvidas pelos funcionários que trabalham na secretaria².

Diante do exposto, pode-se dizer que a Creche Therezinha Amorim foi idealizada e construída para a finalidade proposta e atende adequadamente aos objetivos a que se destina. Não faltam recursos para o trabalho desenvolvido e, ao longo dos anos a creche foi sendo cada vez mais bem equipada e além da manutenção constante, são feitas melhorias no espaço em benefício da criança. A direção, equipe de professores, o pessoal administrativo, técnicos, auxiliar de enfermagem estão atentos às necessidades das crianças. Como exemplo, pode-se citar a proteção colocada em quinas de portas e na área de lazer evitando acidentes, e a colocação de espelho, no lavabo do refeitório, na altura das crianças.

Os professores assim se manifestaram, a respeito das mudanças no espaço:

“O espaço físico mudou bastante. No berçário não tínhamos armários... a biblioteca e a informática mudaram... D. Augusta pergunta o que a gente precisa mudar... A gente vai estudando e vendo as possibilidades de melhorar as coisas. A nossa proposta de trabalho visa à criança, o que é melhor para a criança¹”.

O espaço utilizado pela creche não se restringe, porém, ao espaço físico desta. No próprio prédio do fórum há espaços diversos que são visitados pelas crianças, como parte da proposta pedagógica: correios, biblioteca, exposições, restaurantes e outros. Os auditórios do Tribunal são utilizados para palestras e encontros com pais e profissionais de educação, de diversas creches do Estado do Rio de Janeiro. Outros órgãos do próprio Tribunal também realizam palestras e outras atividades culturais abertas, de interesse dos educadores.

A localização da creche no centro da cidade, favorece o acesso a vários pontos da mesma, o que é muito bem aproveitado pelos passeios sistemáticos realizados com as crianças. Os passeios são facilitados pelo fato da creche dispor de transportes próprios: um ônibus (da 1ª Vara da Infância e Juventude) e duas kombis. Realizam, portanto, muitas aulas-passeios em museus, centros culturais, bibliotecas, teatros, circo, cinemas, planetário, praia, jardim zoológico, estação de tratamento de água, Fundação Oswaldo Cruz e muitos outros. Têm oportunidade de fazer passeios também junto com crianças de creches próximas assim como convidá-las a visitar a creche, como as da Creche

² Maria Regina de Campos Mathias (assistente administrativo), Maria Victória Elias Soares (secretária) e Antonio Carlos Lambranco Junior (agente administrativo).

Albert Sabin-Ministério da Saúde ou do Centro de Recreação Infantil-Secretaria Estadual de Administração.

È possível constatar que a proposta pedagógica da creche leva em conta os diferentes espaços internos e externos, com uma finalidade educativa. Os estudos de Faria (1999, p.75, 76) destacam que os espaços físicos das instituições de educação infantil devem possibilitar que emerjam todas as dimensões e competências humanas (a lúdica, a artística, a fantasia e a imaginação, etc...) e que as crianças possam dormir, acordar, tomar banho, molhar-se, secar-se, tomar sol, conviver com a natureza, crescer, criar, brincar, conviver com diferentes adultos e crianças de várias idades, ficar sozinhas, comer, movimentar-se das mais variadas formas, amar, ficar brava e manifestar os diferentes sentimentos e emoções. Para que isto aconteça também é necessário “levar em consideração outras dimensões culturais (brasileiras e estrangeiras, tradicionais e contemporâneas, populares, rurais, urbanas, litorâneas, etc...) tais como: o atelier, a cozinha, a rua, as praças, a praia, o rio, a floresta, o jardim, a marcenaria, os laboratórios, o conservatório, a biblioteca, a ludoteca, o cinema, o teatro, o circo, as academia de ginástica e de balé, o clube, a danceteria, o parque de diversões, o playground, etc, etc...” (Mayumi e Assis, apud: Faria, 1999, p.76).

O espaço da creche é alegre, versátil e flexível, possibilitando criações e recriações por parte das crianças e dos adultos que nele convivem. Ainda segundo Faria (op.cit., p. 70) “as instituições de educação infantil deverão ser espaços que garantam o imprevisto (não a improvisação) e que possibilitem o convívio das mais variadas diferenças, apontando para a arbitrariedade das regras (daí o jogo e a brincadeira serem tão importantes, iniciando o exercício da contradição, da provisoriade e da necessidade de transformações). Este espaço, portanto é o ”pano de fundo”, a “ moldura” como afirma Mayumi Souza Lima (1989, apud: Faria 1999, p.73), ele será qualificado adquirindo uma nova condição, a de ambiente:

“O espaço físico isolado do ambiente só existe na cabeça dos adultos para medi-lo, para vendê-lo, para guardá-lo. Para a criança existe o espaço-alegria, o espaço-medo, o espaço proteção, o espaço mistério, o espaço-descoberta, enfim, os espaços da liberdade e da opressão”.

Nesta concepção o espaço físico é idealizado como um ambiente que possibilita a convivência de múltiplas diferenças: crianças e adultos de várias idades, organização de grupos maiores e menores, atividades individuais e coletivas, mistura de idades,

diferentes formas de expressão infantil, acontecimentos inesperados e que se estenda à rua, ao bairro e à cidade, melhorando a vida de todos.

Pela minha experiência profissional, parece-me que as crianças desta creche e suas famílias são extremamente privilegiadas de contar com tantos e tão bem aproveitados recursos físicos e materiais. Cabe destacar ainda, a qualificação e a dedicação dos profissionais envolvidos que atuam (direta ou indiretamente) com as crianças, sem os quais não se viabilizaria a proposta pedagógica e que entre outros, organizam o espaço, o tempo, as atividades, respeitam os direitos fundamentais das crianças e proporcionam a elas um ambiente afetivo, os cuidados que necessitam e a educação de qualidade a que têm direito. Percebe-se no cotidiano da creche a alegria das crianças utilizando os espaços e descobrindo, com os professores, a cada dia, novas possibilidades. Nos próximos itens falarei, mais detalhadamente, da formação da equipe e da proposta pedagógica da creche.

1.5-A Formação da Equipe

“O educador já não é o que apenas educa, mas o que enquanto educa é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado também educa (...) ninguém educa ninguém, como tão pouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (Freire, apud: Kramer, 1997, p.86).

A estrutura de pessoal da creche compõe-se de:

- Direção: ocupada por profissional especializado em pedagogia (art.5º §1º);
- Apoio técnico: assistente social, médico pediatra, nutricionista, odontopediatra musicoterapeuta, psicólogo, pedagogo, professor de educação física e educadores (art.5º §2º);
- Apoio administrativo: assistente administrativo, secretário, dois agentes administrativos, lactarista, cozinheira, lavadeira/passadeira/costureira e cinco educadores infantil I(art.5º §3º).

Atualmente a equipe é composta de um total de trinta e sete funcionários entre direção, serventuários (2), requisitados de outros órgãos públicos (5) e contratados através de empresa terceirizada (29), que constituem a maioria.

Conforme já foi ressaltada anteriormente, a diretora/ pedagoga da creche iniciou sua atuação, em julho/ 1994, com a creche ainda em construção. Posteriormente a equipe técnica passou a ser constituída também pela assistente social Ilse dos Santos Coelho, a psicóloga Neli Ferreira Mures, a médica pediatra Suely Kirzner, a

musicoterapeuta Eni Almada Mendes e a nutricionista Elizabeth de Almeida Abreu; em seguida acrescida da odontopediatra Aline Ciuffo Faver e, recentemente, do professor de educação física Joseildo Feitoza de Vasconcelos Aquino. Com exceção da assistente social e nutricionista - atualmente Tarsila Pires Guedes - os outros membros da equipe permanecem no trabalho.

Gostaria aqui de destacar, com relação à educação física e alguns cargos administrativos ocupados por homens na creche, a importância destes na educação infantil. Segundo Cerisara (apud: Kramer, 2001p. 96):

“O movimento que busca a integração e a complementaridade entre feminino e masculino supõe que se abra espaço para que o homem possa lidar com o afeto, o sentimento, a maternagem, assim como para práticas profissionais com feições masculinas dentro das instituições de educação infantil, com vistas a colaborar para as rupturas das discriminações de gênero nas ocupações ligadas ao cuidado e à educação das crianças de 0 a 6 anos e a contribuir para o processo de socialização de meninos e meninas”.

A equipe inicial foi a responsável pela formalização da linha filosófica da creche, elaboração do perfil dos profissionais que deveriam trabalhar em cada setor (saúde, educação, nutrição) e os objetivos destes. O trabalho dessa equipe pauta-se, essencialmente, numa linha preventiva e de interdisciplinaridade. Foi também, elaborado, pela direção, o 1º Regulamento da Creche - uma exigência institucional- aprovada pelo Ato Normativo nº 09/ 94, onde se encontra a finalidade, organização, atribuições dos profissionais e obrigações dos pais. Esse regulamento sofreu alterações posteriores em decorrência da aprovação da nova LDB e do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

A equipe também daria suporte para implantação de outras creches no Estado e chegou a elaborar uma proposta, que não foi viabilizada, como já foi mencionado (fls.07) e que atenderia inicialmente as comarcas de Duque de Caxias e São Gonçalo. Para atender o conjunto dos serventuários, o Tribunal de Justiça optou pelo auxílio-creche.

“A assistente social que iniciou na equipe tinha uma vasta experiência do trabalho com famílias”. Com a direção procuraram uma pesquisa já existente, *“para saber porque os serventuários queriam tanto a creche, quantas crianças estavam cadastradas e a faixa etária. Na época estas crianças tinham idades superiores as atuais, eram bem mais velhas... Em dezembro/ 94 começamos a chamar os*

serventuários para inscrição. Era muita gente 80, 90, pensávamos que não iríamos dar conta” (diretora/pedagoga da creche).

A equipe, no seu conjunto teve a responsabilidade de selecionar todo o pessoal que viria trabalhar na creche, nas diferentes áreas: saúde, nutrição e educação “*visando em primeiro lugar o interesse da criança e o ajuste à filosofia da instituição*”. Determinaram também o número de professores por criança, ou seja: cinco crianças até dois anos para um funcionário. Essa proporção se mantém e é considerada fundamental pela equipe para manutenção da qualidade do serviço oferecido. Inscreveram-se, na ocasião, cerca de oitocentas pessoas, para trabalhar nas diferentes funções. O processo foi lento e criterioso, de acordo com os objetivos propostos.

No início a creche contou com dois auxiliares de enfermagem. Hoje há somente uma, que exerce as funções diariamente.

“Estes profissionais tinham que administrar uma quantidade enorme de medicamentos. Interrompiam as crianças a todo o momento... Foi feito um trabalho pelo setor de saúde e isto mudou” (diretora e médica pediatra).

Antes de iniciarem o trabalho direto com as crianças, “*todos os funcionários participaram de reuniões com dinâmicas de grupo, onde tiveram a oportunidade de conhecer, durante uma semana*”.

Os professores contam que ao longo do primeiro ano participaram de muitas palestras, reuniões e cursos com os técnicos da creche, onde refletiam sobre os cuidados com as crianças e atuação pedagógica. Estes espaços persistem até hoje. Fizeram cursos fora da instituição, alguns, financiados pela Associação Beneficente dos Amigos das Creches do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro. Essa Associação continua a custear cursos e similares que contribuem com a qualificação dos funcionários. Financia ainda, serviços prestados por fonoaudióloga que, periodicamente, avalia as crianças e orienta pais e professores, em um trabalho conjunto com outros técnicos da equipe.

Os professores relataram que avaliavam sua atuação com as crianças, diariamente, ao final do dia, junto com a pedagoga/ diretora da creche. Semanalmente havia reuniões de estudo, em equipe onde também se refletia sobre o trabalho. Continua a existir o espaço de reunião pedagógica, onde além daqueles que atuam com a criança e pedagoga e eventualmente outros técnicos têm a oportunidade de participar, inclusive, como ocorreu comigo apresentando material deste curso de Pós-Graduação.

Os professores contaram ainda que, assim como a direção, tiveram a oportunidade de visitar inúmeras creches, observar o trabalho com as crianças e depois discutir, inclusive com uma visão mais crítica, como se vê na fala desta professora:

“A equipe foi crescendo junto... Hoje temos um olhar mais crítico inclusive em relação às palestras que assistimos”.

Segundo Paulo Freire (apud: Kramer, 1997, p.86):

“... o diálogo é a própria essência de uma educação concebida como prática da liberdade. O autor alerta para a palavra que quando desligada da práxis se torna oca, alienada, alienante, desprovida de sentido. Afirma que a palavra para ser verdadeira e transformadora precisa emergir da interação total entre ação e reflexão da práxis...”

Os professores avaliam, ainda, que as creches particulares são bem diferentes, pois visam o lucro, o que é radicalmente distinto da proposta da creche do Tribunal.

Nos relatos, os professores contam, com orgulho, como atores da história, as mudanças e evolução no trabalho que parece, continua em transformação:

“Antes éramos recreadores (não tinham formação universitária, mas eram pessoas mais experientes profissionalmente) e auxiliares (os que ajudavam)... As reuniões eram separadas... A recreadora tinha o direito de fazer agenda e participar das reuniões com pais. A auxiliar era mais o cuidado com a criança... A comunicação ficava prejudicada... Há escolas que ainda são assim... Aconteceram conflitos, reflexões e isto mudaram. Sentimos, também, nas avaliações das crianças que precisávamos juntar recreadores e auxiliares. Quando juntou a equipe ficou mais coesa... A relação entre os funcionários evoluiu. A equipe realiza as avaliações como um todo. Todos têm voz. Antes uma falava (a recreadora) e os outros cumpriam. Existia uma hierarquia. Agora cada um mostra o que tem de melhor. Os potenciais vão surgindo”.

A creche mantém o intercâmbio com entidades públicas e privadas voltadas para a Educação Infantil, seja realizando visitas, participando de palestras ou organizando fóruns conjuntos para pais e profissionais da educação. Constitui-se também num espaço de formação, na medida em que recebe visitas de profissionais e estudantes.

Os professores da creche trabalham em horário integral e isto permite a realização de reuniões, estudos e preparo de materiais, antes da chegada das crianças às

11 horas. Os funcionários não são convocados fora de seu horário de trabalho ou em fins de semana, como ocorre em várias escolas e que, por vezes, gera polêmica.

A formação acadêmica dos professores que trabalham diretamente com a criança deve-se, segundo seus relatos, a incentivos da direção da creche. Ressaltam a oportunidade que tiveram de estudar, completar o Ensino médio e fazer faculdade.

Por ocasião das reuniões (outubro/ 2003) com os professores de um total de treze, oito tinham curso superior, dois estavam fazendo o normal superior e um serviço social. Apenas dois, por razões pessoais e financeiras, ainda não estavam podendo continuar os estudos. Ainda assim fizeram curso normal e adicional. Há professores também, fazendo cursos de pós-graduação. Registraria ainda que além de professores outros funcionários da creche (em especial os de apoio) também se motivaram e retomaram os estudos acadêmicos.

Os profissionais da creche continuam participando de fóruns de instituições diversas e tem oportunidade de discutir questões relativas à educação infantil.

“Eu cresci muito como pessoa e como profissional”, diz uma professora.

Ao indagar o que mais mudariam na organização da creche os professores e demais funcionários demonstram satisfação com os muitos avanços que conseguiram:

“... A direção está aberta a ouvir... podemos colocar nossos pensamentos. As mudanças vão acontecendo de forma natural de acordo com o trabalho, com as necessidades... A creche está em constante crescimento. Cada ano tem uma novidade. Cresce como as crianças. Há uma busca constante de melhorias... preocupação por parte da direção com todos: crianças, pais e funcionários”.

Tomaríamos então a colocação de Kramer (2001, p.90) de que “toda proposta pedagógica tem uma história e, nela, a formação dos profissionais envolvidos está presente de maneira central, sobretudo quando oferece possibilidades de lembrar a trajetória e de refletir sobre a prática. A história contada e a prática refletida são a substância viva dos processos de formação”.

Concluindo esta parte, ainda à luz dos estudos de Kramer (2001, p.99) diria que a formação dos profissionais das escolas ocorre em múltiplos e diferentes espaços e formas, o que se pode constatar na Creche Therezinha Amorim e destacaria os seguintes pontos:

- A possibilidade de diálogo e trocas de experiências entre todos os funcionários e direção;

- Os espaços de reuniões sistemáticas: pedagógicas, dos técnicos ou gerais, garantindo o debate, o estudo, a leitura;
- A participação de muitos em cursos acadêmicos;
- A participação em palestras, cursos e fóruns diversos onde se discute educação infantil;
- Os passeios com as crianças em bibliotecas, museus, centros culturais, estação de tratamento de água, e outros, favorecendo a formação nessa área.

1.6 – A Proposta Pedagógica

Quando a creche foi inaugurada, em 1995, ainda não havia sido aprovada a nova LDB, que incluiu a educação infantil no sistema educacional. Na época, a Creche Therezinha Amorim era vinculada à Secretaria Estadual de Saúde e chegou a receber visita de fiscalização - apenas duas ou três vezes. A responsável técnica da creche era a médica pediatra.

Apesar da vinculação formal à área de saúde, os professores contam que *“A creche nunca teve a concepção só de cuidar, mas no início era mais do que hoje... Nós sempre pensamos na parte pedagógica. Era mais o brincar... Evoluiu por conta do projeto. O projeto norteia o trabalho... evoluiu também por que nós agora trabalhamos com algo que nós também pesquisamos e opinamos”*.

“Eu mesma como coordenadora tive que preparar planejamentos diários, planejamento semanal. Não tínhamos projeto. Eram temas que a gente desenvolvia” (pedagoga da creche).

Estes depoimentos mostram a presença do viés educacional desde o início da creche, trazido pela pedagoga que a dirigia. Os professores constataam a evolução do trabalho, destacando a importância de passarem a trabalhar com projetos elaborados por eles, de forma coletiva, e estudando os assuntos que serão trabalhados com as crianças.

A equipe de professores identifica-se com a concepção construtivista do conhecimento. Dizem: *“Hoje tem muito mais a idéia do construtivismo... foi uma evolução grandiosa, valorizamos o trabalho da criança... Começamos a estudar e fomos mudando. A partir dos estudos mudamos a prática... Antes nós fazíamos painéis. Perdíamos manhãs e manhãs... e a competição que havia entre os professores...”*

Nesta visão (Souza, 1998, p.3), denominada construtivismo:

“O conhecimento não está pré-determinado nem no interior do sujeito, nem no mundo externo, mas é construído na relação entre o sujeito e os objetos do mundo externo. Portanto, o conhecimento é algo que se realiza ao longo da história do indivíduo e da própria humanidade... Este modelo se fundamenta numa concepção em que a criança age sobre a realidade, e, portanto não aprende de forma passiva, mas a partir da diversidade e da riqueza de oportunidades de interação que lhe são oferecidas, cotidianamente na própria vida e, particularmente nas instituições escolares. O construtivismo, sem dúvida alguma, alterou profundamente o próprio espaço escolar, que passou a ter uma organização diferente em relação à organização que as escolas tradicionalmente apresentavam, mas, principalmente começou a transformar a relação dos professores com as crianças e das crianças entre si...”

Nos trabalhos da creche, com relação à proposta pedagógica, identifica-se a tendência pedagógica cognitiva, de base psicogenética, que enfatiza a construção do pensamento infantil no desenvolvimento da inteligência e autonomia; como há também a tendência crítica, que vê a pré-escola como lugar de trabalho coletivo, reconhece no professor e nas crianças sua condição de cidadãos, e atribui à educação o papel de contribuir para a transformação social (Kramer, 1996, p.24).

Ainda, trazendo Kramer, a tendência cognitiva tem como fonte inspiradora Jean Piaget (1896-1980). Para Piaget, o desenvolvimento resulta de combinações entre aquilo que o organismo traz e as circunstâncias oferecidas pelo meio: o eixo central, portanto é a interação: organismo/ meio. Essa interação se dá através de dois processos simultâneos; a organização interna e a adaptação ao meio... A adaptação ocorre através da assimilação e acomodação. Os esquemas de assimilação vão se modificando, progressivamente, configurando os estágios de desenvolvimento, que não considerando idades rígidas, mas seguindo uma seqüência. São eles: sensório-motor, simbólico ou pré-operacional, operatório concreto e operatório abstrato ou lógico-formal. Os principais objetivos em termos educacionais, nesta tendência, seriam formar homens “criativos”, “inventivos” e “descobridores”, pessoa críticas, ativas e autônomas.

Percebe-se, no trabalho da creche, não haver rigidez quanto aos estágios de desenvolvimento das crianças, na medida em que se observa nas turmas acentuada heterogeneidade e uma ação pedagógica que vai se desencadeando no sentido de estimular a todos, respeitando-se as individualidades e potencialidades de cada criança.

Constata-se ainda, a influência dos estudos de Emília Ferreiro, pesquisadora argentina, que continuou os estudos de Piaget, com atenção voltada para a realidade latino-americana e seus problemas. “A autora pesquisou a psicogênese da língua escrita, verificando que as atividades de interpretação e de produção da escrita começam antes da escolarização e que a aprendizagem dessa escrita se insere em um sistema de

concepções, elaborado pelo próprio educando, cujo aprendizado não pode ser reduzido a um simples conjunto de técnicas perceptivo motoras... o uso da cartilha é obsoleto, pois a criança já dispõe de conhecimentos sobre a escrita antes de entrar na escola. É a partir desses estágios de conhecimento que o educador deve desenvolver sua prática pedagógica” (Gadotti, 1997, p.225).

Com relação à tendência crítica, a pré-escola é vista como “o lugar de trabalho, a criança e o professor são cidadãos, sujeitos ativos, cooperativos e responsáveis. A educação deve favorecer a transformação social”.(Kramer, 1996, p.33)

Nesta concepção privilegiam-se os fatores sociais e culturais, sendo objetivo educacional formar crianças, não somente inteligentes e que saibam resolver problemas, mas que tenham também uma inserção crítica e criativa na sociedade.

Pode-se exemplificar esta tendência com o projeto pedagógico da creche em 2003: Água – Fonte de Vida, que seguiu o calendário da rede PEA-UNESCO, a qual a creche é filiada. O projeto foi permeado pela questão da preservação da água e dos problemas ambientais, consoante a dinâmica de movimentos sociais presentes nas modernas sociedades. Este ano a Campanha da Fraternidade da CNBB também abordará o tema. O projeto foi elaborado pelo conjunto dos professores da creche e teve como público alvo os alunos, o total dos profissionais da creche, as famílias das crianças e a Associação Beneficente dos Amigos da Creche. Envolveu as áreas de matemática, linguagem oral e escrita, conhecimento do mundo, ciências naturais e sociais, artes plásticas e cênicas, musicoterapia, educação física, informática, literatura infantil e saúde.

No ano de 2004, o projeto em execução, seguindo orientações da UNESCO, aborda o tema: “Patrimônio do Brasil”, visando resgatar e preservar a cultura do país, que inclui o patrimônio chamado imaterial que envolve as tradições orais, a cultura e arte populares, as línguas indígenas e as manifestações tradicionais.

Refletindo com Boff (1999, p.34 a 36), sobre o modo-de ser-cuidado, pode-se dizer que o cuidado é essencial na preservação da vida, desde a própria gestação de uma criança e durante toda sua vida, assim como com toda a natureza e o ambiente em que vivemos. A proposta desenvolvida na creche, em todas as ações corrobora este modo de ser. Segundo Boff:

“... o cuidado é ainda algo mais que um ato e uma atitude entre outras... O cuidado entra na natureza e na constituição do ser humano... Se não receber cuidados desde o nascimento até a

morte, o ser humano desestrutura-se, definha, perde o sentido e morre. Se ao largo da vida, não fizer com cuidado tudo que empreender acabará por prejudicar a si mesmo, por destruir o que estiver a sua volta”.

Creio que as instituições de educação infantil não têm o poder de resolver os problemas sociais, mas podem contribuir com um novo modo de pensar que valorize “o ser”. Infelizmente não é o que temos visto, muitas vezes em nossa sociedade e naquelas que valorizam o Ter acima do Ser. A preocupação maior é “com a economia, com as bolsas com os juros, com o crescimento ilimitado de bens e serviços materiais, apropriados pelas classes privilegiadas à custa da dignidade e da compaixão necessárias face às carências da grande maioria” (Boff, 1999, p.103).

Finalizaríamos esta parte do trabalho, falando dos “Quatro Pilares da Educação” (UNESCO, 1996, p. 101, 102) nos quais se fundamenta a proposta do Programa de Escolas Associadas da UNESCO, já que a creche é filiada a esta rede. São eles:

- Aprender a conhecer, combinando uma cultura geral, suficientemente vasta, com a possibilidade de trabalhar em profundidade um pequeno número de matérias, o que também significa: aprender a aprender, para beneficiar-se das oportunidades oferecidas pela educação ao longo da vida.
- Aprender a fazer, a fim de adquirir não somente uma qualificação profissional, mas, de uma maneira mais ampla, competências que tornem a pessoa apta a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipe. Mas também aprender a fazer, no âmbito das diversas experiências sociais ou de trabalho que se oferecem aos jovens e adolescentes, quer espontaneamente, fruto do contexto local ou nacional, quer formalmente, graças ao ensino alternado com o trabalho.
- Aprender a viver juntos, desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção das interdependências - realizar projetos comuns e preparar-se para gerir conflitos - no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz.
- Aprender a ser, para melhor desenvolver a sua personalidade e estar à altura de agir com cada vez maior capacidade de autonomia, discernimento e de responsabilidade pessoal. Para isso, não negligenciar na educação nenhuma das potencialidades de cada indivíduo: memória, raciocínio, sentido estético, capacidades físicas, aptidão para comunicar-se.

Enfim, importa conceber a educação como um todo e não somente o acesso ao conhecimento.

CAPÍTULO II

AS FAMÍLIAS...ORIGEM DO ALUNADO

2.1 - Perfil Sócio-Econômico

Refletir acerca das famílias das crianças da creche e sua inserção na sociedade, assim como as relações que se estabelecem entre estas e o espaço educacional de seus filhos é indispensável, considerando as diretrizes pedagógicas propostas para a educação infantil brasileira, em 1993:

“Para propiciar o desenvolvimento infantil a educação infantil deve garantir a educação e o atendimento das crianças e as necessidades dos pais, integrando o desenvolvimento físico, motor, emocional, intelectual e social, promovendo a ampliação de experiências e conhecimentos infantil, estimulando o interesse da criança pequena pelo processo de transformação da natureza e pela dinâmica da vida social, e contribuindo para uma interação produtiva marcada por valores de solidariedade, liberdade, cooperação e respeito” (Kishimoto, 1996 p.1).

Trazendo ainda Kishimoto, “buscar o desenvolvimento significa não só preocupar-se com a criança, mas com os pais e profissionais envolvidos nessa tarefa”.

Não poderia, portanto, deixar de trazer nesta monografia, as famílias das crianças da creche, já que, inserido num trabalho interdisciplinar, o serviço social tem como foco de intervenção, exatamente essas famílias.

Conforme mencionado na apresentação deste trabalho, para Santos (1999, p. 40), “a família é o lugar de origem do alunado e aquela que provê à criança as primeiras formas de relações educativas, fora do ambiente escolar”, e, segundo Vygotsky (2000, p.40), a criança já nos primeiros anos de vida, inicia o processo de interação social. Neste, ela interage e aprende com os adultos as primeiras palavras, impregnadas de intensos significados históricos, sociais e culturais. Compreendo, portanto, que as crianças vivem e reelaboram múltiplas e variadas experiências, desde a mais tenra idade e que, estando inseridas em determinado contexto histórico e social, este influi diretamente em seu desenvolvimento. Neste sentido traria os três eixos em torno dos quais estão organizadas as idéias de Vygotsky (apud: Oliveira 1993, p.12 a 14) e que a meu ver, corroboram a relevância de conhecermos melhor a família das crianças e

estabelecermos com elas, cada vez mais, relações significativas no processo educacional. São eles:

“O desenvolvimento psicológico deve ser olhado de maneira prospectiva”. Não basta saber o que a criança é capaz de fazer sozinha hoje, mas o que acontecerá com seu desenvolvimento futuro. O desenvolvimento real é o que a criança já é capaz de produzir e o desenvolvimento potencial é o que ela pode atingir com ajuda de outros. Entre estes está a zona de desenvolvimento proximal, que é o espaço de intervenção do outro, entre eles o professor e a família.

“Os processos de aprendizagem movimentam os processos de desenvolvimento”. Nenhuma aprendizagem parte do zero. A criança quando chega à escola já adquiriu uma série de conceitos. O aprendizado, na escola ocorre nas inter-relações que a criança estabelece com os professores e de maneira diferenciada com outras crianças, funcionários e com os pais. A aprendizagem impulsiona o desenvolvimento da criança, levando-a a níveis maiores de desenvolvimento.

“A importância da atuação dos outros membros do grupo social na mediação entre a cultura e o indivíduo na promoção dos processos interpsicológicos que serão posteriormente internalizados”. Nesta concepção, o contato do sujeito com o objeto não garante o conhecimento. Há necessidade da intervenção de outros membros mais maduros da cultura para que o aprendizado ocorra. A relação sujeito-objeto se faz através de uma outra pessoa, com o uso da linguagem. O homem, como ser social, utiliza signos (instrumento) atribuindo significados (representações) aos objetos. Todo signo é criado e compartilhado por um determinado grupo social. Se não houver o uso da linguagem não há como internalizar e desenvolver as funções mentais superiores (capacidade de pensar objetos ausentes, imaginar coisa não vividas, memória lógica, atenção voluntária, planejar, lidar com representações que substituem o real, entre outros).

Minha intenção agora é refletir sobre família e crianças, contextualizando brevemente a questão, de momentos históricos anteriores até os dias atuais e, posteriormente, traçar um perfil das famílias das crianças da creche.

Na antiguidade, aproximadamente até o século XVIII, na Europa, a vida das crianças era próxima dos adultos. Ambas participavam, como atores e expectadores, em comunidade dos mesmos jogos, festas e brincadeiras, músicas, danças e representações dramáticas. “Os jogos e os divertimentos estendiam-se muito além dos momentos que lhe dedicamos: formavam um dos principais meios de que dispunha uma sociedade para

estreitar seus laços coletivos, para se sentir unida” (Ariès, 1981, p.94). Rigorosamente, não havia separação entre adultos e crianças e as brincadeiras tinham um caráter comunitário, coletivo e um simbolismo religioso.

Um novo sentimento de infância passa a ser construído no início do século XIX e se consolidam novas concepções de infância. Surge uma preocupação com a criança no sentido de preservar sua moralidade, educá-la, proibindo-a de participar de jogos considerados “maus” e recomendando os “bons”. Paulatinamente a brincadeira vai ficando restrita às crianças e aos “homens do povo” e passa ser considerada “indigna de um homem de bem”. Gradativamente as pessoas das classes mais abastadas as abandonam. Ressalte-se que na Inglaterra os fidalgos transformaram os jogos, ao invés de os abandonarem como na França e totalmente modificados passaram a ser adotados pela burguesia, se caracterizando nos “esportes” do século XIX. Estes fatos denotam a relação entre sentimento de infância e de classe.

Os humanistas renascentistas perceberam finalidades educativas nos jogos e coube aos jesuítas disciplinar esta atividade e introduzi-las nas escolas. Na Europa, Rousseau (1712) e Pestalozzi (1746) enfatizaram a valorização da infância baseada numa concepção idealista e protetora da criança, fazendo uso de brinquedos e centrada na recreação. Brougère (2001, p.93), referindo-se a essa concepção, destaca que “a brincadeira é boa porque a natureza pura, representada pela criança é boa”.

Este conceito suprime a dimensão social da criança como sujeito histórico e social, produtora de cultura e não é mais aceita em nossa sociedade. “As diretrizes pedagógicas propostas pela Política de Infantil Brasileira, em 1993, concebem a criança como um ser humano completo, embora em processo de desenvolvimento, um ser ativo, sujeito social e histórico, profundamente marcado pelo meio social em que vive, mas deixando sempre sua marca individual” (Kishimoto, 1996, p.1).

As modificações de concepção de infância e brincadeira acontecem, portanto, em consonância com as transformações econômicas, sociais e culturais de uma dada sociedade. Da mesma forma se alteram as estruturas familiares. Com a industrialização, o homem saiu do campo e veio trabalhar nas cidades. Surgiu a família nuclear e o estilo de vida ocidental se transformou.

“A idéia de infância, como se pode concluir, não existiu sempre e da mesma maneira. Ao contrário ela aparece com a sociedade capitalista, urbano-industrial, na medida em que mudam a inserção e o papel da criança na comunidade. Se na sociedade feudal a criança exercia um papel produtivo (“de adulto”) assim que ultrapassava o período da alta mortalidade, na sociedade burguesa ela passa a ser alguém que precisa ser cuidada, escolarizada e preparada para

uma atuação futura. Este conceito de infância é, pois, determinado historicamente pela modificação das formas de organização da sociedade” (Kramer, 2001, p.19).

Segundo Pereira (1994, p.103 a 113), as famílias tradicionais (nuclear) apresentaram mudanças significativas nos últimos anos e é preciso compreendê-las a partir das transformações ocorridas na sociedade brasileira. Vivenciamos em nossa sociedade o chamado processo de globalização capitalista com um acelerado avanço científico e tecnológico e uma exigência cada vez maior de qualificação dos trabalhadores. O desemprego estrutural e formas precárias de inserção no mundo do trabalho (trabalhos informais, sem vínculos empregatícios) são fatos presentes em nossa sociedade e propiciam o aparecimento de novas formas de pobreza e exclusão social.

De acordo com as mudanças estruturais da sociedade, alteram-se também as relações familiares, os espaços e as brincadeiras, certamente considerando as condições sociais, econômicas, políticas e culturais específicas de cada família. No dia-a-dia, adultos e crianças passam a se organizar e a viver de forma a assegurar o funcionamento de determinado modelo econômico, voltado para produção e consumo de bens, o modo de produção capitalista.

Pereira (1994, p.103 a 105) aponta as seguintes alterações na constituição das famílias contemporâneas:

- Queda nas taxas de fecundidade;
- Declínio do número de casamentos e aumento da propensão à dissolução de vínculos matrimoniais constituídos;
- Alteração na organização e composição da unidade familiar;
- Aumento do número de famílias chefiados por um só dos cônjuges ou parceiros;
- Mobilidade de pessoas de um domicílio para outro (solteiros e descasados).

Estas mudanças refletem-se na constituição das famílias das crianças da creche, nos seus modos de viver, enfim, nos seus valores. O serviço social tem contato com as famílias desde os primeiros momentos, quando solicitam vaga na creche e, cotidianamente, com o objetivo de contribuir para a participação destas no processo educacional. Neste processo de trabalho, temos a oportunidade de conhecer e compreender quem são as famílias com as quais trabalhamos e sua realidade social e econômica.

Portanto, quem são as famílias das crianças da creche?

Meu objetivo agora é trazer um pouco sobre elas. Com certeza, cada qual tem seu modo próprio de viver, seus valores, suas situações particulares e diferenciadas, que não teria condições de, neste breve espaço, levantar. No entanto, registro alguns aspectos comuns coletados através de levantamento que realizei nas setenta e cinco pastas das crianças, entre os meses de outubro a dezembro de 2003. As visitas domiciliares, as quais irei me referir, foram por mim realizadas, como complementação dos estudos sociais. Por razões éticas, obviamente as famílias não estão identificadas e os dados são analisados globalmente.

A maioria das crianças tem a mãe como serventúria (63%), ambos os pais (13%) e somente o pai (24%). Em nosso cotidiano profissional percebo que muitos pais, paulatinamente, estão assumindo os cuidados com seus filhos devido à inserção das mulheres no mercado de trabalho e suas aspirações profissionais.

Cabe dizer que a creche tem priorizado o atendimento de crianças, cujos pais são portadores de necessidades especiais. Também, crianças portadoras de necessidades especiais estão sendo atendidas na creche, até porque a instituição dispõe de equipe interprofissional qualificada.

Há uma variedade de famílias constituídas.

Quanto à situação conjugal dos pais biológicos das crianças, a maioria está casada legalmente (56%) ou convivem maritalmente (19%). Entre esses casais, 25% se referem à segunda ou terceira união. Com relação às 25% crianças restantes a maioria tem seus pais separados ou que nunca chegaram a conviver maritalmente por motivos diversos, uma criança que tem a mãe falecida e outra que foi adotada apenas pela mulher.

Quanto ao número de pessoas da família, considerando aqueles que moram no mesmo domicílio, a maioria é formada por três pessoas (49%). Desse total, 45% são de casais com um filho e do restante, duas mães que moram com filho e avó materna, e uma mãe com os dois filhos. Há famílias formadas por quatro pessoas (21%), a maioria sendo de pais e dois filhos; um casal com um filho e avó materna; uma mãe com um filho e avós maternos. As famílias com cinco pessoas equivalem a 11% e nessas estão os casais com três filhos e um casal com dois filhos e um tio materno das crianças. Com seis pessoas há 4% de famílias entre pais e quatro filhos; mãe e filho com avós maternos e tios. Morando somente com a mãe (duas pessoas) estão 15% das crianças.

Do total das crianças da creche, 63% não têm irmãos e 37% os têm. Entre esses estão irmãos oriundos de relacionamentos anteriores dos pais e 8% não moram com os irmãos.

Por estes dados percebe-se a diversidade de famílias, um número acentuado de filhos únicos (ressalte-se a tenra idade das crianças que ainda poderão vir a ter irmãos) e uma constatação de que as mulheres sejam mães ou avós maternas, continuam assumindo a “maternagem”.

Com relação à idade em que tiveram o primeiro filho, a maioria das mulheres os teve após os trinta anos de idade (69%), o que sugere um investimento no estudo e na profissionalização. Dos homens, 87% tiveram o primeiro filho após os trinta anos.

A situação de escolaridade é a seguinte: 75% das mães têm estudo superior, sendo que desse total a maioria cursou direito, seguindo-se as áreas mais diversas: letras, ciências contábeis, administração, turismo, enfermagem, psicologia, biblioteconomia, jornalismo, arquitetura, educação física, pedagogia, nutrição, fisioterapia e serviço social. 17% completaram o ensino médio e 8% somente o ensino fundamental.

Com relação aos pais, 52% completaram o ensino superior, sendo também a maioria formada em direito, seguindo-se outros cursos como: engenharia, administração, ciências contábeis, filosofia, jornalismo, letras, museologia, informática, educação física, geografia, odontologia e fisioterapia. 41% completaram o ensino médio, 3% apenas o ensino fundamental e ainda 4% que não o terminaram.

Os dados acima demonstram que as mulheres estudaram mais que os homens e em ambos os sexos prevalece o curso de direito.

Quanto à inserção no mercado de trabalho, as mães serventuárias da creche exercem as funções de técnico judiciário II (41%), técnico judiciário I(38%), oficial de segurança (10%), oficial de justiça (3%), titular de cartório (2%) bibliotecária (2%), comissária de infância e juventude (2%) e assistente social (2%). Os pais serventuários exercem as funções de técnico judiciário I (38%), técnico judiciário II (32%), oficial de segurança (24%), escrivão (3%) e titular de cartório (3%). Alguns, poucos, entre pais e mães desempenham ou desempenharam funções de chefia ou assessoria.

Entre as mães, não serventuárias, encontram-se advogadas, jornalista, recepcionista, datilógrafa, nutricionista, comerciarista, vendedoras autônomas, bancária, enfermeira, fisioterapeuta e administradora. Entre os pais há advogados, professores, militares (engenheiro e bombeiro), corretor de imóveis autônomo, guarda municipal,

motoristas, trabalhadores da construção civil (pedreiro, pintor) vistoriante da Cedae, leiloeiro, comerciante, bancário, assistente de alunos, aposentado, fisioterapeuta, dentista, analista de sistema, guia de turismo, estofador, estudante, técnico em eletrônica, técnico em contabilidade, desenhista, taxista. Há também nesses grupos alguns eventualmente desempregados ou precariamente incluídos no mercado de trabalho, isto é sem vínculos empregatícios, em trabalhos temporários, na economia informal e, portanto, sem garantias ou direitos trabalhistas ou previdenciários.

Constata-se uma heterogeneidade de profissões que podem ser trabalhadas no espaço educacional, o que inclusive já ocorreu na creche. Esta se constitui também numa forma de aproximação entre a família e a creche.

Quanto à renda familiar bruta, consideramos aquela sem qualquer desconto, até mesmo previdenciário ou de imposto de renda. Acrescente-se que os serventuários arcam com consideráveis despesas de planos de saúde, já que estes não são garantidos pelo Tribunal.

A maioria tem a renda familiar bruta na faixa de dez a dezenove salários mínimos (49%), seguida da faixa de vinte a vinte e nove salários (31%); trinta a trinta e nove (8%); quarenta a quarenta e nove (4%) e acima de cinquenta (7%) e abaixo de dez (1%).

Caso se considere o número de pessoas das famílias, a maioria (65%) vive com renda per capita bruta na faixa de quatro a sete salários e têm a renda superior a essa 25% das famílias e inferior 10%.

Na composição desta renda as mulheres têm rendimentos superiores aos de seus parceiros em 43% das famílias, em 8% são semelhantes, em 25% a renda do homem é maior. Em 24% as mulheres sustentam os filhos sozinhas ou com ajuda dos avós maternos das crianças, isto é, não contam com a participação dos pais.

Algumas famílias contratam serviços de empregada doméstica (67%) e outras não (33%). Contudo das que dispõem desse serviço apenas 36% são de mensalistas.

As condições habitacionais da maioria são satisfatórias em termos de infraestrutura básica (água, luz elétrica e sistema de esgoto) e espaço físico, e são poucas as exceções. 30% das crianças residem na zona sul da cidade, especificamente nos bairros de Laranjeiras, Botafogo, Catete, Flamengo, Copacabana, Ipanema e Leblon. Na área do centro e proximidades estão 8%, entre Fátima, Centro, Cidade Nova, Rio Comprido e Santa Tereza. Na zona norte residem 43% das crianças, nomeadamente nos bairros da Tijuca, Vila Isabel, Grajaú, Maracanã, São Cristóvão (22%), nas áreas do Engenho

Novo, Méier, Riachuelo, Cachambi, Del Castilho (6%) e em bairros mais distantes da creche: Tomás Coelho, Cascadura, Turiaçu, Irajá, Vigário Geral, Pavuna, Guadalupe e Ilha do Governador (15%). Há ainda 8% residentes na zona oeste, em Jacarepaguá e Barra da Tijuca. Em outros municípios residem 11%, entre Niterói (8%) e São João de Meriti (3%).

As famílias das crianças dispõem de automóvel (76%), no entanto, 62% das crianças da creche utilizam transportes coletivos, os mais diversos (ônibus, metrô, barcas, “vans”) para virem à creche/ trabalho, diariamente. Há crianças que demoram mais de uma hora no trânsito na ida, como também na volta para casa.

Apenas em 35% das famílias os imóveis são próprios e estão quitados, 20% pagam financiamento, 31% moram em imóveis alugados, 10% em imóvel de parentes, 3% em terreno de posse e 1% em imóveis que estão em processo de herança.

Quanto ao número de cômodos, a maior parte das moradias é composta de cinco cômodos (52%). Seguem-se aqueles com seis cômodos (17%), sete (15%), quatro (11%), nove (3%) e oito (2%).

Relativo ao número de quartos, a maior parte possui dois (72%), três (15%), um (8%) e quatro (5%). Com relação às crianças, 31% não têm seu próprio quarto e 69% os têm, garantindo-se seu espaço adequado. Nas visitas domiciliares verificam-se crianças que dormem no quarto de seus pais e por vezes em suas camas, o que certamente não é adequado ao desenvolvimento infantil, além de impedir a privacidade do casal.

Ressalte-se também que o número de cômodos ou a localização do imóvel nem sempre significam bem-estar e atendimento adequado às necessidades infantis. Visitei casarões e apartamentos antigos, deteriorados por falta de condições financeiras de providenciar o necessário. Vi quartos lindamente decorados e “excesso” de brinquedos (um desejo do adulto ou da criança?), assim como observei outros, com muito pouco ou quase nenhum brinquedo. Vi crianças em apartamentos com espaços reduzidos para brincadeiras, como aqueles que dispõem de área de lazer e não os frequentam com as crianças “por falta de tempo”. Quais são as prioridades no mundo de hoje, na sociedade em que vivemos? Em que ocupamos o nosso tempo? Como utilizamos os espaços de que dispomos? Percebi também crianças pequenas em andadores ou “presas em cercados”, sem condições de se movimentarem, cuidadas por pessoas idosas (avós) que não tinham condições físicas de proteger a criança ou aquelas que ali ficavam enquanto o adulto realizava outras tarefas domésticas, sem ter como lhes proporcionar a atenção necessária. Penso então a importância da creche para as crianças e suas famílias.

As moradias contam com máquinas de lavar roupa (96%), microondas (72%), ar condicionado (73%). Em geral possuem aparelho de vídeo (94%) e aparelhagem de som (87%). Muitas dispõem de computador (61%). Quanto ao televisor, 75% dos lares têm mais de um aparelho. Alguns têm televisão por assinatura e aparelho de DVD.

Nas visitas, foi também possível observar crianças de poucos meses de idade em carrinhos diante da televisão enquanto os adultos realizavam afazeres domésticos. Certamente há crianças que ficam longas horas expostas aos televisores. Será que há tempo para interlocução com o adulto? Quais as outras opções oferecidas às crianças?

Penso que seria válido meditar sobre essa questão e seu reflexo no espaço escolar, à luz dos estudos de Pereira (2002 p.89):

“... a televisão tem ocupado tempo e espaço cada vez mais centrais tanto na vida da criança quanto do adulto, a televisão acaba por preencher um lugar deixado vazio: o diálogo. Essa tem sido uma das afirmações trazidas por Postman (1999), que vê na televisão o aparato tecnológico que fomenta o desaparecimento da infância, isto é, o desaparecimento da consciência, da diferenciação entre adulto e criança... esse instrumento tecnológico é responsável pelo apagamento de algumas práticas fundamentais para a delimitação dos lugares sociais da criança e do adulto, a exemplo das perguntas essenciais do ser humano, ligadas ao nascimento e morte e também aos mistérios da vida... cabia ao adulto a responsabilidade de administrar ao longo da vida da criança os momentos mais adequados de responder a essas perguntas; em contrapartida o adulto significava para a criança uma referência para busca de suas indagações...alguns temas tornavam-se motivo de segredo e até mesmo de vergonha, exigindo rituais apropriados para sua abordagem...Esse quadro de modificou. Mais do que deixar de reconhecer no adulto uma referência para a busca de respostas, trata-se da inexistência das indagações, uma vez que a televisão-que fala a todos, sobre todos os temas, num único tom - oferece respostas para perguntas que nem chegaram a ser feitas”.

Com relação aos passeios, as crianças costumam visitar parentes ou passear ao ar livre: orla da praia, Jardim Botânico, Floresta da Tijuca, viagens, o que favorece o contato com a natureza. Frequentam também “shopings”. Poucos comparecem a atividades culturais, como teatros, cinemas, museus ou centros culturais. Essa necessidade é incentivada e suprida, em parte, pela creche.

Muitas crianças ouvem músicas infantis desde que nascem, porém, poucos são os pais que contam histórias, sistematicamente para seus filhos, o que também é estimulado pela equipe creche. No sentido contribuir com o resgate da narrativa de maneira lúdica e prazerosa, reconhecer o saber das famílias e aproximar mais os pais da creche, apresentei à direção, o projeto “Na creche os pais contam histórias” (anexo).

Vale ainda informar alguns dos motivos apresentados pelas famílias para solicitarem vaga para seus filhos na Creche Therezinha Amorim, além das necessidades familiares em função do trabalho. Destacam:

- *Qualidade da creche - com profissionais qualificados, acompanhamento por equipe interprofissional, dedicação dos funcionários, tratamento humano dado às crianças, assistência às crianças em todos os níveis, diversidade e excelência pedagógica com atividades culturais, estrutura e funcionamento da creche, trabalho em prol da educação das crianças, espaço físico com ambiente agradável, iluminado, organizado, limpo e área aberta;*
- *Gratuidade - orçamento familiar insuficiente para pagar uma creche com esta qualidade;*
- *Localização no local de trabalho dos pais - facilita os contatos em casos de necessidade, compatibilidade com horário do trabalho, tempo a mais que os pais ficam com os filhos na ida e volta da creche;*
- *Confiança no trabalho desenvolvido, boas referências, indicações de outros pais que tiveram filhos na creche, segurança da criança;*
- *Tranquilidade dos pais para exercerem as funções profissionais;*
- *Desenvolvimento, formação e necessidade da criança estar em ambiente social saudável e estabelecer relacionamentos sociais.*

As expectativas dos pais ao colocarem os filhos na creche são muitas e trabalhadas desde os primeiros contatos e durante a permanência da criança na creche. Na verdade, por vezes, percebemos delegarem à equipe da creche atribuições que continuam sendo, também, das famílias. Na realidade para que esses objetivos sejam alcançados é necessário um trabalho contínuo e em parceria: família e creche/escola. Nas entrevistas iniciais (nas pastas das crianças), realizadas pela assistente social, os pais desejam que os filhos:

- *Se “socializem”, em contato com outras crianças;*
- *Se tornem mais educados e disciplinados;*
- *Tenham uma boa formação educacional e pessoal e lhes sejam repassados valores como cooperação, solidariedade, enfim bons valores humanísticos;*
- *Sejam estimulados em todos os sentidos e se desenvolvam em todas as áreas;*
- *Tenham uma educação de qualidade;*
- *Sejam bem cuidados e tratados, tenham uma vida boa, o que puder de melhor;*
- *Sintam-se felizes;*
- *Tenham uma boa alimentação, higiene e desenvolvam hábitos saudáveis;*
- *Saiam preparados para “enfrentar” uma escola;*

- *Participem de passeios e atividades diversificadas importantes para seu desenvolvimento;*
- *Sejam independentes;*
- *Fiquem mais calmos;*
- *Tenham uma melhor estrutura de vida, com rotinas;*
- *Tenham uma boa formação para o “mundo exterior”.*

Percebe-se nessas afirmações e também no cotidiano da creche, dúvidas e preocupações dos pais quanto à educação e futuro de seus filhos. Disposto a creche de profissionais preparados tem como contribuir com a formação das crianças trocando com as famílias conhecimentos e experiências.

No próximo item abordarei mais algumas questões relativas à relação família e creche.

2.2 – Relação Família, Creche e Serviço Social

As transformações que ocorrem na sociedade, se refletem no dia a dia das crianças, em suas famílias e no espaço escolar. Pensando com Tiriba (2001, p.64 a 67) sobre nossa sociedade, conclui-se que há uma valorização do “ter”, em detrimento do “ser”. Indaga-se então: Qual a qualidade das interações nos dias de hoje?

“A qualidade das interações exige tempo de encontro, espaço para a narrativa, para a brincadeira, para a troca de afetos e aprendizado de valores - cada vez mais raros na vida contemporânea. Não há tempo para atividades que não sejam consideradas como” trabalho”, que não estejam voltadas para o imperativo da produção...um cotidiano marcado pela ausência ou pelo distanciamento do contato humano que são justificados pela necessidade de suprir as necessidades materiais...e ainda trazendo Castro“a visibilidade é substituída pela interface sujeito –tela (...)em que (...) o tato e o contato cedem lugar ao impacto visual ” (Tiriba,2001, p.67).

A realidade social é complexa e o sistema de ensino se constitui num dos espaços de concretização dos problemas sociais. Percebo, na própria creche em que trabalho como uma série de fatores sociais, culturais e econômicos permeiam o espaço. Por vezes, constatamos em nosso cotidiano profissional, a “ausência” das famílias ou a falta / “desinteresse” em relação aos conhecimentos específicos sobre aspectos do desenvolvimento infantil e sobre o próprio trabalho pedagógico com os próprios filhos.

Qual então, o papel da escola no contexto atual? Como construir relações mais significativas e democráticas entre família e creche e que de fato se traduzam em benefícios para a criança?

Refletindo com Santos (1999, p.42,43) sobre o papel da escola e da família no espaço educacional, a autora coloca que, também a escola, revendo seu papel, está passando por mudanças, no bojo das transformações históricas que ocorrem em nossa sociedade. Além dos aspectos puramente acadêmicos da aprendizagem a escola passou a se preocupar mais, muito mais, com os aspectos afetivos e sociais de seus alunos. Isto é exatamente o que ocorre na creche, até porque estes fatores interferem no comportamento, aprendizagem e desenvolvimento das crianças. A autora ressalta, ainda, a importância de serem criadas estratégias de aproximação com as famílias para que se percebam como participantes do processo educacional, porque podem contribuir com aspectos fundamentais quando a criança se encontra em casa, sem, no entanto, substituírem a escola, o professor ou outros profissionais. Destaca que é preciso que as famílias se inteirem do processo educacional, ajudando seus filhos a aprenderem a aprender. Carvalho (apud: Tiriba, 2001, p.69), no entanto, alerta para necessidade daqueles que se propõe a educar conhecerem as crianças e suas famílias para não esperarem delas aquilo que não podem oferecer.

“A escola, por sua vez, precisa abrir suas portas às famílias de fato (e de direito). Não alimentando relações hierárquicas e autoritárias, fazendo papel de juiz ou cobrador, da família. Mas ampliando os espaços verdadeiros de participação, dividindo seu conhecimento sobre a criança com a família, respeitando o desejo desta e auxiliando esta a se informar para crescer numa relação de maior igualdade” (Santos, 1999, p.43).

Desta forma, acredito, a escola estará contribuindo para a formação de cidadãos críticos e conscientes.

Passo agora a abordar alguns espaços onde se efetivam as relações entre a família e a creche em pauta.

O assistente social é o profissional que tem os primeiros contatos com as famílias, desde as informações iniciais sobre a creche ou no momento da solicitação de vaga. Em nosso processo de trabalho, temos a oportunidade de conhecer e compreender quem são as famílias com as quais trabalhamos e sua realidade social e econômica. Por outro lado, as famílias das crianças têm, desde os primeiros momentos, a oportunidade de visitar a creche, conhecer e indagar sobre o local em que deixarão seus filhos.

Entendendo a creche como direito da criança e da classe que vive do trabalho, compreendo que teria de haver vagas para todos. No entanto, a despeito do aumento de

vagas em 2003, nesses anos de funcionamento da creche a demanda tem sido sempre maior que a oferta. A seleção é então efetivada mediante critérios sócio-econômico e em face da disponibilidade de vagas considera-se o nível de renda mais baixo, maior número de filhos, maior distância da residência e do local de trabalho. Levam-se em conta também as peculiaridades de situações especiais, a fim de se observar a prevalência do interesse da criança, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Regulamento da Creche, art.3º). O assistente social realiza o estudo social através de entrevistas, visitas domiciliares e emite parecer. A decisão final sobre a seleção cabe ao corpo de técnicos da creche, incluindo a direção.

Em 2001, para atender ao conjunto dos serventuários do Estado, foi criado o auxílio-creche (fls.07) atualmente correspondendo a 127% do salário mínimo. No entanto, em nosso cotidiano profissional, constatamos que este valor chega a menos de 50% (para o horário integral) do valor cobrado em creches particulares de vários bairros da cidade do Rio de Janeiro. Nestes casos, as famílias precisam completar o pagamento.

A Creche Therezinha Amorim, através de seu corpo de profissionais e direção sempre apoiaram iniciativas que viessem a beneficiar as crianças e seus familiares:

“... a gente nunca fechou as portas para nenhuma iniciativa que viesse ajudar a criança e o funcionário... e todas as idéias são colocadas para os outros, abertamente”
(pedagoga/ diretora).

Assim é que, mesmo antes da instituição do auxílio-creche, foram feitas parcerias, estimuladas pela equipe da creche, entre a ABATERJ (Associação Beneficente dos Amigos do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro) e a creche da ASSEFAZ (Associação dos Funcionários do Ministério da Fazenda), localizada no centro da cidade para atender aos filhos de serventuários que não conseguiam vaga na creche, embora mediante pagamento. Esta creche acabou sendo extinta. Uma outra parceria foi estabelecida com a mesma finalidade, posteriormente repassada ao SINDJUSTIÇA (Sindicato dos Servidores do Poder Judiciário do Estado do Rio de Janeiro), com a Creche Albert Sabin, do Ministério da Saúde que atende filhos de funcionários.

Ao assistente social, como participante da equipe técnica, entre outras atribuições, compete atender às famílias cotidianamente em questões as mais diversas, que incidem no espaço da creche, estimulando uma parceria positiva para que as necessidades das crianças e suas famílias sejam alcançadas, assim como os objetivos educacionais propostos. Na intervenção, cabe identificar e compreender a origem das

dificuldades familiares e quais as possibilidades de mudanças, utilizando todos os recursos, tanto das famílias, quanto do meio social, a fim de contribuir com a superação dos obstáculos.

Os pais das crianças têm acesso, a qualquer momento, aos professores, aos membros da equipe técnica ou à direção da creche e participam de entrevistas iniciais com os profissionais da instituição e durante o ano quando solicitam ou são convocados. A equipe tem facilidade de contatá-los em casos de necessidades, em qualquer ocasião. Não costuma haver impedimentos por parte de suas chefias; ao contrário, em nossas intervenções é possível observar total compreensão. Em casos de doenças que impeçam à criança de freqüentar a creche, os pais têm direito à licença do trabalho, para cuidarem de seus filhos.

Realizam-se também reuniões sistemáticas com os responsáveis, com a presença expressiva destes. Algumas estão sendo realizadas fora do horário de trabalho dos pais e há professores para cuidar das crianças, o que facilita a freqüência das famílias.

Embora, por vezes, a criança tenha apenas um dos pais como serventário, trabalhando no prédio da creche, temos tido como proposta de trabalho a convocação de ambos os pais para reuniões e entrevistas, já que observamos, em muitos casos, a participação dos dois nos cuidados com a criança.

Destaca-se que há uma série de formas de comunicação diária com as famílias das crianças, como aquelas registradas na página 15 (nos murais, contatos com professores ou outros profissionais da creche na entrada e saída, agendas entre outros). A creche mantém um site com informações dirigidas aos pais e pessoas interessadas, incluindo artigos elaborados pelos técnicos.

Semestralmente ocorre a entrega dos relatórios de observações aos pais. Nesses constam anotações de todos os profissionais com relação às crianças e suas famílias. A entrega, no primeiro semestre do ano, tem sido feita em reunião com cada família, pelos professores da criança, assistente social, pedagoga e/ ou outros profissionais da creche. Após serem lidos pelos familiares, estes devolvem à equipe da creche uma apreciação escrita. Esta é mais uma forma de repassarmos informações, como também ouvirmos as opiniões das famílias sobre o trabalho realizado.

No início do ano, quando acontece a entrada de novos alunos e o retorno dos antigos, após as férias, é estabelecido um calendário de adaptação com os pais (para novos e antigos). Caso seja necessário, os dias podem ser alterados em benefício da criança. Os serventários são liberados oficialmente para ficarem com seus filhos na

creche. Este período tem sido acompanhado pelos professores, pedagoga e assistente sociais e demais profissionais. Em janeiro, as férias são coletivas e os pais têm o direito de usufruírem -nas neste mês.

Há também disponibilidade de onze vagas no estacionamento do Tribunal para facilitar a vinda de carro, de algumas crianças. Como não há disponibilidade para todos as vagas são oferecidas às crianças menores (berçário e maternal 1), ou àquelas com alguma necessidade especial. O Serviço Social atua nesta seleção.

No sentido de ampliar a discussão da relação família e creche, fui também ouvir os professores. Nesses momentos pude perceber insatisfações quanto à não valorização, por parte de algumas famílias, do trabalho pedagógico realizado e o não atendimento imediato ou adequado de solicitações feitas pela equipe, em função da criança. Por outro lado, foi possível constatar, por parte dos professores, atitudes de compreensão e análise da questão, com compromisso, conforme se pode depreender das reflexões:

“Ainda é preciso despertar nos pais o trabalho da creche. Acham que é o lugar de deixar os filhos e trabalhar... vêem a gente como babá de luxo... alguns não conhecem nosso nome até hoje. Fizemos reunião. Apresentamos o projeto... a maioria tem idéia que creche é só o cuidar, a parte pedagógica não existe. Acho também que é devido ao fato das crianças serem muito pequenas e serem tratadas pelos pais como bebês...”

“Existe e vai existir sempre as famílias muito interessadas e aquelas pouco interessadas... Eu acho que tem sido assim ao longo desses dez anos. Tem pais que sempre foram muito interessados em saber tudo dos filhos, são interessadíssimos, participam de tudo, atendem tudo que você pede. Tem pais que pensavam que era só cuidar... Essa é uma realidade do berçário e maternal 1. Realmente, com as crianças muito pequenas prevalece o cuidar, mas a gente também educa. A cabeça dos pais vai mudando ao longo dos anos na creche. Vão vendo a evolução e o desenvolvimento dos filhos”.

“Cabe aos profissionais da creche entenderem a posição dos pais e aos poucos ir colocando-os para entenderem a nossa posição, na creche... A creche pode ser maravilhosa, falarem muito bem, mas você está colocando seu filho que acabou de nascer. O filho é tudo...”

“A minha visão como educadora também mudou. Antes eu também tinha a visão só do cuidar, do proteger”.

Com relação à participação das famílias em atividades promovidas pela creche, pode-se dizer que estas se constituem de momentos de aproximação entre as famílias e seus filhos e entre estes e a equipe profissional. Os professores, no entanto, registraram que no início da creche todas as festividades eram abertas aos pais e outras familiares, o que foi reavaliado em função dos objetivos educacionais propostos.

Atualmente a creche realiza algumas atividades e comemorações internas e outras abertas aos pais. Entre elas, pode-se citar: festa junina, feira do livro, feira do conhecimento, confecção pelos pais e eleição da bandeira da paz, comemorações do dia dos pais e dia das mães, entre outras. No dia dos pais ou das mães a creche programa a realização de algum passeio com eles, os filhos, e professores ou realiza alguma atividade interna na creche. Estas são atividades que favorecem a aproximação de família e creche de forma lúdica e afetuosa, além dos pais terem a oportunidade participar e conhecer, de alguma forma o trabalho pedagógico desenvolvido com seus filhos.

Regularmente, são realizadas palestras, dirigidas aos pais e educadores, com profissionais de áreas diversas. Essas palestras não estão restritas aos pais da creche, mas, abertas, entre outros ao conjunto dos serventuários.

No final do ano, a creche tem como rotina comemorar a despedida das crianças do maternal 3. No ano de 2003, na festa de formatura, as crianças fizeram apresentação para seus pais de acordo com o projeto pedagógico. Depois, almoçaram junto com as professoras no restaurante do Fórum. Em outro dia também foi organizado um passeio com as crianças e professores, no sítio dos magistrados. Os pais, além disso, costumam organizar festa fora da creche e convidar os professores de seus filhos. Ao longo do ano, pode-se verificar que as crianças e suas famílias se relacionam e se encontram fora da creche em passeios, comemorações e outras oportunidades. O fato de trabalharem na mesma instituição, certamente, favorece este contato e o estabelecimento de relações mais próximas e significativas.

No último ano das crianças na creche, a equipe, em especial pedagoga e assistente social, visitam escolas e orientam os pais que solicitam quanto às propostas pedagógicas de algumas escolas que desejam colocar seus filhos.

Algumas crianças que se desligam da creche costumam visitar a instituição com seus pais e até mesmo passar o dia. A creche está aberta a recebê-los. Este fato demonstra os vínculos estabelecidos entre esses a creche.

Durante o ano são organizadas campanhas de solidariedade e fraternidade. As famílias participam ativamente do processo e envolvem outros serventuários na arrecadação de doações para entidades assistenciais. Nessas oportunidades são trabalhados com as crianças, famílias e funcionários, valores de respeito, cooperação e solidariedade.

Como dito anteriormente, no sentido de contribuir de mais uma forma com a aproximação entre família e creche, elaborei um projeto, que se encontra anexo. Temos participado de reuniões e palestras com professores e outros profissionais onde refletimos acerca da relação família e creche.

Levantadas estas considerações, pode-se apontar a necessidade de estarmos sempre buscando, cada vez mais, alternativas para que ocorra, efetivamente, uma parceria significativa e democrática entre família e escola, que favoreça o pleno desenvolvimento da criança. Dessa forma, os caminhos vão sendo construídos e transformados de modo que pais, professores e direção, atuem de “forma convergente e complementar, isto é, cooperando ativamente para o alcance dos objetivos comuns” (Costa, 2000, p.12).

Valeria ainda encerrar esta parte registrando os princípios fundamentais do Código de Ética Profissional do Assistente Social (CFESS, 1993), que devem ser vivenciados diariamente no espaço de trabalho:

- **Reconhecimento da liberdade** como valor ético central e das demandas políticas a ela inerentes- autonomia, emancipação e plena expansão dos indivíduos sociais;
- **Defesa intransigente dos direitos humanos** e recusa do arbítrio e autoritarismo;
- **Ampliação e consolidação da cidadania**, considerada tarefa primordial de toda sociedade, com vistas à garantia dos direitos civis sociais e políticos das classes trabalhadoras;
- **Defesa do aprofundamento da democracia**, enquanto socialização da participação política e da riqueza socialmente produzida;
- **Posicionamento em favor da equidade e justiça social**, que assegure universalidade de acesso aos bens e serviços relativos aos programas e políticas sociais, bem como sua gestão democrática;

- **Empenho na eliminação de todas as formas de preconceito**, incentivando o respeito à diversidade, à participação de grupos socialmente discriminados e à discussão das diferenças;
- **Garantia do pluralismo**, através do respeito às correntes profissionais democráticas existentes e suas expressões teóricas, e compromisso com o constante aprimoramento intelectual;
- **Opção por um projeto profissional vinculado ao processo de construção de uma nova ordem societária**, sem dominação-exploração de classe, etnia e gênero;
- **Articulação com os movimentos de outras categorias** profissionais que partilhem dos princípios deste Código e com a luta geral dos trabalhadores;
- **Compromisso com a qualidade dos serviços prestados à população** e com o aprimoramento intelectual, na perspectiva da competência profissional;
- **Exercício do Serviço Social sem ser discriminado**, nem discriminar, por questões de inserção de classe social, gênero, etnia, religião, nacionalidade, opção sexual, idade e condição física.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Particularmente, senti falta de conhecer a história da instituição quando comecei a trabalhar na Creche Therezinha Amorim, o que com certeza me motivou a registrá-la.

Ao iniciar este trabalho, tinha a pretensão de reconstruir a história da creche entrevistando uma série de outras pessoas, o que nem sempre se mostrou exequível. A cada momento que conversava com alguém, descobria novos e novos atores e facetas dessa história. Na verdade ela foi construída por uma série de sujeitos que sequer conheci. Afinal, quantos e quantos alunos, familiares, funcionários, membros das associações beneficentes passaram e foram autores dessa história e sequer são citados nesse trabalho?

Optei por restringir-me a ouvir pessoas que efetivamente estavam trabalhando na creche e conheciam algo para nos contar. Percebi o interesse, a dedicação e o orgulho dos funcionários ao nos falar de seu trabalho, como sujeitos dessa história. Procurei também outros tantos vestígios da história, conforme disse na introdução deste trabalho. Os dados colhidos foram muitos e surpreendentes e eu também me entusiasmei.

Seguramente, esta é apenas uma parte - não teria condições neste breve espaço de abranger, nem de longe, todos os detalhes desta rica história cotidiana. No entanto, o resultado foi muito gratificante e espero que seja útil ao conjunto dos profissionais que hoje atuam na creche, tanto quanto aqueles que um dia exercerão suas funções nesta instituição e quiçá a outros tantos, comprometidos com a área da educação infantil.

É somente, um ponto de partida, para reconstrução desta história, para reflexão. Outros virão a ampliarão, discutirão e transformarão.

Este ano, o projeto pedagógico da creche tem como tema “Patrimônio do Brasil” e abrange o resgate e a preservação da cultura do país. O patrimônio é compreendido como “o legado que recebemos do passado, vivemos no presente e transmitimos às gerações futuras” (Tribunal de Justiça, Projeto pedagógico, 2004) neste sentido, comporta também o resgate da história da Creche Therezinha Amorim. Acrescentem-se ainda as comemorações no próximo ano, em que a creche irá completar dez anos. Penso que esta monografia apresenta material que poderá ser utilizado.

Acredito que os dados apresentados com relação às famílias também possam servir para ampliar a compreensão por parte do corpo de profissionais da creche quanto ao perfil das famílias nas quais estão inseridas as crianças da creche e contribuir para uma maior aproximação entre as famílias e a creche. Neste sentido, cabe citar o projeto apresentado: “Na creche os pais contam histórias”, em anexo.

Enfim, creio que as informações trazidas nesta monografia possam ser utilizadas no trabalho pedagógico cotidiano com as crianças e ainda com as famílias.

No que se refere ao espaço físico e formação da equipe constata-se que foram destinados especificamente para a creche e, tal qual a proposta pedagógica, estão em constante aperfeiçoamento e transformação. Nota-se também que com a sistemática qualificação dos profissionais, o que certamente é louvável e indispensável, a instituição acaba por “perder” muitos profissionais capacitados para o mercado de trabalho.

Quanto à oferta insuficiente de vagas da creche para atender à demanda e conseqüente exclusão de muitos, a alternativa seria o aumento de vagas. No entanto, a nosso ver, isto só seria admissível com aumento e readequação de todo espaço físico e da equipe, pois os recursos atuais não comportam ampliação e comprometeria seriamente a qualidade do serviço prestado.

Quanto ao auxílio-creche, considero que foi extremamente democrática a sua ampliação para todos os serventúrios do Estado. Ocorre que realmente em alguns bairros da cidade (ex: zona sul, Tijuca e adjacências) o valor é muito inferior ao custo o que então só se resolveria com o seu aumento.

A Creche Therezinha Amorim já se constitui hoje num espaço de formação para muitos pais, estudantes e profissionais, na medida em que recebe visitantes, organiza fóruns de reflexão, mantém articulação com entidades da área de educação infantil e outros. O próprio Tribunal de Justiça realiza palestras e seminários abertos, podendo-se citar aquelas relativas ao Estatuto da Criança e do Adolescente e ao novo Código Civil. Seguramente, estas são contribuições valiosas à política de educação infantil brasileira.

Enfim, encerro esta monografia disposta a continuar contribuindo, como participante da equipe da creche, com o trabalho que vem sendo realizado com as crianças, sujeitos de direitos e com propostas de educação realmente compromissadas com a construção de uma nova sociedade, mais justa e solidária.

BIBLIOGRAFIA:

- ANTUNES, Ricardo. “Crise capitalista contemporânea e as transformações no mundo do trabalho” In: *Capacitação em Serviço Social e Política Social: Módulo 01*. Brasília/ D. F. CEAD, 1999.
- ARIÈS, Philippe. “*Historia Social da Criança e da Família*”. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.
- BAZÍLIO, Luiz Cavalieri *et alli (org.)*. “*Infância Tutelada e Educação, História, Política e Legislação*”. Coleção da Escola de Professores. Rio de Janeiro: Ravil Recursos Áudio Visuais LTDA, 1998.
- BOFF, Leonardo. “*Saber Cuidar*”. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- BRASIL. “*Código de Ética do Assistente Social*”. Lei 8662, de 13 de marco de 1993, 3ª edição, Brasília/ D. F: Conselho Federal de Serviço Social, 1997.
- BRASIL. “*Constituição da Republica Federativa do Brasil*”. Brasília / DF: Senado, 1988.
- BRASIL. “*Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei 8069, de 13 de julho de 1990*”. Brasília / D. F: Congresso Nacional.
- BRASIL. “*Diretrizes e Bases da Educação. Lei 9394, de 20 de dezembro de 1996*”. Brasília/ D. F: Congresso Nacional.
- BROUGÈRE, Gilles. “*Brinquedo e Cultura*”. São Paulo: Cortez, 2001.
- BRUNO, Denise Duarte. “Serviço Social Judiciário. Existimos. A que se destina”. In: *Apostila Treinamento Inicial para Assistente Social*, p. 1 a 14. Rio de Janeiro: Escola de Administração do Tribunal de Justiça, 1995.
- CFESS. “*Serviço Social na Educação*”. Grupo de estudos sobre serviço social na educação. Conselho Federal Serviço Social: Brasília, DF, 2001.
- COSTA, Antonio Carlos Gomes e outros. “*Educador: novo milênio, novo perfil?*”. São Paulo: Paulus, 2000.
- FALEIROS, Vicente de Paula. “*A Política Social do Estado Capitalista*”. São Paulo: Cortez Editora, 1992.
- FALEIROS, Vicente de Paula. (Coordenador do Curso) “*Crianças e Adolescentes: pensar e fazer*”. Brasília/ DF: CBIA/ CEAD, Universidade de Brasília, 1995.

- FALEIROS, Vicente de Paula. “*O que é política social*”. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- FARIA, Ana Lúcia Goulart. “O espaço físico como um dos elementos fundamentais para uma pedagogia da educação infantil”. In: Faria, A.L. e Palmares M. *Educação Infantil pós - LDB: rumos e desafios*. São Paulo: Autores Associados, 1999.
- GADOTTI, Moacir “*História das Idéias Pedagógicas*”. São Paulo: Ática, 1997.
- JOBIM e SOUZA, Solange. “Construtivismo e Experiência”. 1998 [mimeo].
- OLIVEIRA, Marta Kol “O pensamento de Vygotsky como fonte de reflexão sobre a educação”. In: *Cadernos CEDES* nº 35. São Paulo: 2000
- PEREIRA, Potyara A.P. “Desafios contemporâneos para sociedade e a família”. 1994 NEPPOS/ CEAM/ UNB [mimeo] Brasília/ D. F.
- PEREIRA, Rita Marisa Ribes. “Infância, Televisão e Publicidade: uma metodologia de pesquisa em construção”. In: *Cadernos de Pesquisa* nº 116, p.81 a 105. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, julho, 2002.
- KISHIMOTO, Tizuko, Morchida. “Currículo de Educação Infantil: Creches e Pré-Escolas”, 1996, [mimeo].
- KRAMER, Sônia e LEITE Maria Isabel (orgs). “*Infância. Fios e desafios da pesquisa*”. São Paulo: Papirus, 1996.
- KRAMER, Sônia et alli. “*Com a pré-escola nas mãos. Uma alternativa curricular para educação infantil*”. São Paulo: Ática, 1996.
- KRAMER, Sônia et alli. “*Educação Infantil em Curso*”. Rio de Janeiro: Ravil, 1997.
- KRAMER, Sônia et alli “*Relatório de Pesquisa. Formação de profissionais da Educação Infantil no Estado do Rio de Janeiro*”. Rio de Janeiro: Ravil, 2001.
- SANTOS, Mônica Pereira. “A inclusão e as relações entre família e a escola”. In: *Revista Espaço* n.11, p.40-43. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Educação de Surdos, junho, 1999.
- SILVA, Ademir Alves “As relações Estado-sociedade e as formas de regulação social”. In: *Capacitação em Serviço Social e Política Social: Módulo 02*. Brasília: CEAD, 1999.
- SILVA, Ana Paula Soares e outros “Novos ares para a educação infantil”. In: *Os Fazeres na Educação Infantil*. São Paulo: Cortez, 1998, p.173-183.
- TIRIBA, Léa. “Pensando mais uma vez e reinventando as relações entre creche e famílias”. In: Garcia, R. Leite e Aristeu (org.). *Em Defesa da Educação Infantil*, Rio de Janeiro: DP e A, 2001.

- TRIBUNAL DE JUSTIÇA. Creche Therezinha Amorim. “*Projeto 2003: Água –Fonte de Vida*”. Rio de Janeiro: TJ, 2003.
- TRIBUNAL DE JUSTIÇA. Creche Therezinha Amorim “*Projeto 2004: Patrimônio do Brasil*”. Rio de Janeiro: TJ, 2004.
- TRIBUNAL DE JUSTIÇA. “*Regulamento da Creche Therezinha Amorim*”. Rio de Janeiro: TJ, 2003.
- UNESCO. “*Educação: um tesouro a descobrir*”. Comissão presidida por Jacques Delors. Editora Correio da UNESCO, 1996.
- VIEIRA, Maria Pilar de Araujo et alli. “*A Pesquisa em História*”. São Paulo: Ática, 1989, p.p 7-28.
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. “*A Formação Social da Mente*”. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ANEXOS

1. Roteiro de perguntas utilizadas nas reuniões com professores, técnicos e direção:

- Como foi o início da Creche?
- Como foi constituída a equipe?
- Como se organizaram? Houve treinamentos?
- Como foi construída a proposta de trabalho?
- Como é a relação com as famílias?
- Como avaliam a qualidade da creche hoje e há nove anos?
- O que mudariam hoje na instituição?

2- PROJETO: “NA CRECHE, OS PAIS CONTAM HISTÓRIAS”.

AUTORA: SILVIA DABDAB CALACHE DISTLER

DISCIPLINA: PRÉ-ESCOLA E ENSINO FUNDAMENTAL: LINGUAGEM E ALFABETIZAÇÃO

PROFESSORA: PATRÍCIA CORSINO

DATA: 9 DE JULHO DE 2003

1-JUSTIFICATIVA

O projeto pauta-se na idéia de levar a literatura, seja ela clássica, de exploração do folclore, ou de pura imaginação às crianças de forma lúdica, prazerosa e reconhecendo o saber das famílias estabelecer com elas, mais uma forma de aproximação com a creche de seus filhos.

O projeto baseia-se na teoria do conhecimento sóciointeracionista e na teoria crítica da cultura. Teceríamos, especificamente, algumas considerações, acerca do processo de letramento e outras relativas à participação dos pais no processo educativo de seus filhos na escola / creche.

Segundo estudos realizados por Oliveira (1993), as idéias de Vygotsky estão organizadas em torno de três eixos:

“O desenvolvimento psicológico deve ser olhado de maneira prospectiva” (Oliveira, 1993, p.12), portanto não basta saber o que a criança é capaz de fazer sozinha hoje e sim, o que acontecerá com seu desenvolvimento no futuro. Esta colocação nos dá a idéia de transformação, tão importante para a educação. O desenvolvimento real é o que a criança já é capaz de produzir e o potencial é o que ela pode atingir com ajuda do outro. Entre estes está a zona de desenvolvimento proximal, que é o espaço de intervenção do professor. Agindo nesta área, provocará avanços que espontaneamente não ocorreriam.

“Os processos de aprendizagem movimentam os processos de desenvolvimento” (Oliveira, 1993, p.14). Na verdade, nenhuma aprendizagem parte do zero. A criança quando chega à escola já adquiriu uma série de conceitos. Ela vivencia conceitos espontâneos que ajudam na formulação dos conceitos científicos, formais a que têm acesso na escola. O aprendizado, na escola, ocorre nas inter-relações que a criança

estabelece com professores e de maneira diferenciada com outros agentes da escola: outras crianças, pais, funcionários. A aprendizagem adquirida afeta o desenvolvimento da criança levando-a a níveis maiores de desenvolvimento. “Portanto, se o aprendizado impulsiona o desenvolvimento, a escola, a agência social explicitamente encarregada de transmitir sistemas organizados de conhecimento e modos de funcionamento social a crianças e jovens, tem um papel essencial na promoção do desenvolvimento psicológico dos indivíduos que vivem nas sociedades letradas” (Oliveira, 1993, p.11).

“A importância da atuação dos outros membros do grupo social na mediação entre a cultura e o indivíduo na promoção dos processos interpsicológicos que serão posteriormente internalizados”. O contato do sujeito com o objeto (ambiente informador, meio), não garante o conhecimento. Há necessidade da intervenção de outros membros mais maduros da cultura para que o aprendizado ocorra. A relação sujeito-objeto se faz através de uma outra pessoa, com o uso da linguagem. O homem como ser social utiliza signos (instrumentos) atribuindo significados próprios (representações) aos objetos. Assim, através dos signos, da linguagem e das funções mentais superiores como, controle consciente do pensamento, da liberdade, da capacidade de pensar objetos ausentes, imaginar coisas não vividas, planejar, da memória lógica, da atenção voluntária, o homem consegue lidar com representações que substituem o real. Todo signo é criado e compartilhado por um conjunto de pessoas que pertence a determinado grupo social. Assim se não houver o uso da linguagem não há como internalizar e desenvolver as funções mentais superiores. A aquisição da língua é fundamental para que o ser humano se constitua como sujeito histórico e social.

Em seus estudos, Corsino (2003) destaca o letramento como um processo sócio-histórico que entrelaça língua escrita e cultura, estando relacionado às práticas sociais de um determinado grupo social. Ressalta que o letramento se inicia muito antes da entrada da criança na escola e que a alfabetização é apenas um momento deste. Registra que “mais que alfabetizar, é preciso letrar, isto é abrir a escola ao mundo letrado e vice-versa dando carta de cidadania aos que nela ingressam, pelas múltiplas leituras e produções de textos que possibilita”. Pressupõe que o sujeito seja capacitado a ler e produzir textos que circulem em nossa sociedade letrada, com autonomia.

Por outro lado, Benjamin (1985/1987) tecendo críticas à nossa moderna sociedade de consumo, onde se considera o passado algo descartável que deve ser substituído pelo novo, propõe que resgatemos a narrativa e trazendo o passado ao

presente, restituamos ao homem a experiência e a linguagem e a própria a capacidade de fazer história (Oswald, 1996, p.66).

As crianças com as quais trabalhamos na creche, certamente estão inseridas numa sociedade letrada. Seus pais trabalham num órgão da justiça, altamente burocratizado, e cotidianamente fazem uso prático e científico (Tolchinsky, 1990) de práticas sociais de leitura e escrita, numa dimensão instrumental e funcional de uso da língua. No entanto, em nossa moderna sociedade, em que os encontros são fugidios, as pessoas se queixam do pouco tempo que têm, as atribuições são múltiplas (trabalho, estudo, variadas opções de lazer), enfim, o importante é ter e não ser, indagamos: Até que pontos, as crianças da creche, têm em seus lares, acesso a momentos tranquilos de diálogo? Será que têm o direito de narrar suas histórias? Será que lhes são narradas histórias como faziam com seus pais? Onde fica então a dimensão literária da língua, em sua forma expressiva e sensível? Através deste projeto pretendemos oferecer às crianças momentos na creche, juntos com seus pais e professores em que possam usufruir a “literatura enquanto arte, poesia e fruição, possibilitando uma resignificação da leitura literária, através de experiências sensíveis, onde o livro seja posto e não imposto” (Corsino, 2003). Nesta proposta também haverá espaço para que possamos refletir, experimentando também com as famílias esta dimensão literária, estimulando-as, se é que é possível, e esperamos que sim, a resgatarem-na em seus lares apesar de todas as imposições da vida moderna.

Quanto à participação da família diria ainda, que “sendo esta o lugar de origem do alunado e aquela que provê às crianças as primeiras formas de relações educativas fora do ambiente escolar” (Santos, 1999), este projeto seria mais uma forma de conhecer as famílias em parte de seu aspecto cultural, dividir com elas conhecimentos específicos e reforçar a relação de parceria e confiança, para que efetivamente participem do processo educacional de seus filhos.

2-OBJETIVOS:

- Trazer para o espaço escolar os “saberes” das famílias dos alunos de forma lúdica e prazerosa.
- Valorizar e utilizar a literatura como fonte de prazer para as crianças, estimulando o gosto pela mesma.
- Oportunizar a utilização de variadas formas de representação da linguagem oral, plástica e corporal para evocar situações reais ou imaginárias.

- Favorecer a expressão de sentimentos, desejos, a recriação por parte das crianças, através de múltiplas formas de expressão.
- Favorecer a aproximação pais-creche para que participando como co-autores, compreendam e valorizem os trabalhos literários, desenvolvidos com seus filhos na creche.
- Dividir com os pais conhecimentos acerca do desenvolvimento infantil, leitura e escrita.
- Estimular espaço do diálogo e do resgate de narrativas, nas famílias dos alunos que não os utilizam.

3-PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

- Discussão e apreciação do projeto por professoras, assistente social, pedagoga/diretora e posteriormente com representação de pais de alunos, adaptando-o às necessidades e na verdade transformando-o em um projeto coletivo.
- Elaboração de questionário aos pais explicando objetivos do projeto e indagando sobre: histórias que ouviam de seus pais, histórias que contam aos filhos e sobre o desejo de contarem histórias às crianças na creche.
- Reunião com representação de pais, professores, pedagoga e assistente social no sentido de organizar e decidir sobre as atividades a serem realizadas (material necessário, dias, histórias a serem contadas e outros).
- De acordo com o planejamento os pais contarão as histórias utilizando livros, materiais para dramatizações, instrumentos musicais e outros que forem necessários. Após poderia haver conversas com as crianças e/ ou dramatizações livres, num momento lúdico e de prazer.
- Organização de espaço apropriado, indicando a sala de multimeios, que nos parece um ambiente aconchegante e onde há disponibilidade de materiais diversos como: almofadões coloridos e de animais no chão, espelhos nas paredes, roupas e outros objetos para dramatizações, que se fizerem necessários.
- O projeto, inicialmente, destina-se às crianças na faixa etária de dois anos a quatro anos incompletos, das turmas de maternal 2 e 3, podendo também ser ampliado e adaptado para as crianças menores ,inclusive as do berçário.

- Poderá ser realizado durante todo ano ou em períodos determinados, de acordo com as discussões iniciais da equipe responsável.
- As avaliações serão realizadas com as crianças, se possível, após a atividade e em reuniões, depois cada dia de atividade e ao final do projeto, com pais e equipe da creche, responsável pelo projeto.

4-BIBLIOGRAFIA:

CORSINO, Patrícia. “Alfabetização, letramento e cidadania”. Rio de Janeiro: 2003[mimeo].

OLIVEIRA, Marta Kohl. “O pensamento de Vygotsky como fonte de reflexão sobre a educação”. In: *Cadernos CEDES. Implicações pedagógicas do modelo histórico-cultural*. Campinas: UNICAMP, julho, 2000, nº 35, p.11-18.

OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos. “Infância e história: leitura e escrita como práticas de narrativa”. In: *Infância: Fios e desafios da pesquisa*. Kramer, S. e Leite, M. I. (org). São Paulo: Papyrus, 1996, p.57-72.

SANTOS, Mônica Pereira.O. “O papel da família no espaço educacional”. In: *Revista Espaço*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Educação de Surdo, junho, 1999, nº 11, p.40-43.

3- Fotos do site da creche: www.tj.gov.br/instituc/creche/menu.htm

3.1 - Vista panorâmica da creche:



3.2- Apresentação das crianças aos pais - Projeto: Água, fonte de vida.



3.3- Jantando com os pais na Creche - Dia dos Pais.



3.4- Reunião com os Pais.



3.5 – Felizes por estarem reunidas novamente, após as férias.



3.6 – A alegria presente na hora da construção.

